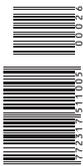


Cumbuca

Aracaju - Ano VIII - Nº 26 Março/20 - R\$10,00



ISSN 2317-5117



EDISE

ORLA SUL: o novo cartão postal de Sergipe.

O Governo de Sergipe está iniciando a construção da Orla Sul que terá uma extensão de 17 Km da faixa litorânea Sul da capital e será construída logo após a Orla de Atalaia. A obra contará com áreas de lazer e de prática de esportes, ciclovia, bares e um extenso calçadão à beira mar.

A Orla mais bonita do Brasil vai ficar ainda maior e mais linda!



OBRA COM
RECURSOS
PRÓPRIOS DO
GOVERNO DE
SERGIPE

Desenvolver
o turismo é a
nossa praia!



*imagens ilustrativas da obra



SERGIPE
GOVERNO DO ESTADO

sergipedeperto.com.br



Expediente

Editor

Amaral Cavalcante

Produção

Cândida Oliveira

Design Gráfico

Clara Macedo

Gabi Etinger

Liz Carvalhal

Revisão

Yuri Gagarin

Cândida Oliveira

Coordenador de Pré-impressão

Marcos Nascimento

Gerente Editorial

Jeferson Melo

Colaboradores - Neste Número

Rian Santos (jornalista) • Antônio da Cruz (artista plástico) • Ronaldson Sousa (colaborador) • Sayonara Viana (pesquisadora e museóloga) • Marcos Cardoso (jornalista) • Chico Buchinho (colaborador) • Yago Andrade (jornalista) • Humberto Lima de Aragão (professor) • Patrícia Verônica Nunes (professora) • Alvaro Muller (jornalista) • Jaime Neto (jornalista)

Cumbuca

Ano VII | Número 26

cumbuca@segrase.se.gov.br

(79) 3205-7421/7400

Rua Propriá, 227 - Centro

Aracaju - SE

CEP: 49010-020

**Governo do Estado de Sergipe****Governador**

Belivaldo Chagas Silva

Secretário de Estado Geral de Governo

José Carlos Felizola Soares Filho

Secretário de Estado da Comunicação

José Sales Neto

**Serviços Gráficos de Sergipe****Diretor-Presidente**

Ricardo José Roriz Silva Cruz

Diretor Industrial

Milton Alves

Diretora Administrativa Financeiro

Maria das Graças Souza Garcez

A Revista Cumbuca não se responsabiliza por conceitos emitidos nas matérias assinadas.

Cumbuca conta com o apoio da Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado de Sergipe.

carta ao leitor

“Minha verdade é vermelha”, exposição de Gabi Etinger abre a 26ª edição da revista Cumbuca. No texto, o jornalista Rian Santos conta detalhes dos bastidores da mostra (que ficou disponível ao público até o final de janeiro/20 na Galeria de Arte J. Inácio) e as inquietudes da designer e artista plástica.

Antônio Cruz mergulha na leitura das obras do artista plástico José Éverton Santos. “A arte é uma das vias por onde as manifestações mais genuínas se evidenciam, e é pelas artes visuais que Éverton se expressa melhor”.

Também na revista, Ronaldson Sousa apresenta a nova publicação de poemas ‘Modo de falar as coisas’, de Francisco Pipio. O livro revela um manejo mais apurado e uma ótica naturalista, cheio de qualidades imagéticas ao abordar a natureza e as memórias de infância.

Pesquisadora e museóloga, Sayonara Viana, homenageia o arquiteto e artista plástico Luiz Mangueira, o criador de obras que vão do desenho a lápis à pintura em óleo sobre tela, pinceladas intensas que trazem à cena suas memórias e sua história de vida.

‘A literatura sergipana está viva - e tem humor’ é o artigo do jornalista Marcos Cardoso. Ele trata da produção literária sergipana e das editoras sergipanas mais atuantes. Adiante, algumas poesias de Chico Buchinho lançadas no seu novo livro ‘Os nós da vida’. O artigo de Yago Andrade, que fala da Fundação CasAmor, primeira casa de acolhimento a população LGBTQI+, inaugurada em 2018.

O professor Doutor Humberto Lima de Aragão Filho faz uma bela homenagem a Aracaju que completa este ano 165 anos. A Pós-doutora Patrícia Verônica Nunes Carvalho Sobral de Souza aborda a temática do envelhecimento mais inclusivo.

Álvaro Muller faz uma reverência a Maria Júlia, a professora sergipana que fez da própria casa uma escola para crianças cegas. Encerrando esta edição, um interessante artigo de Jaime Neto abordando as curiosidades sobre o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão.

Boa leitura,
Amaral Cavalcante

Cumbuca

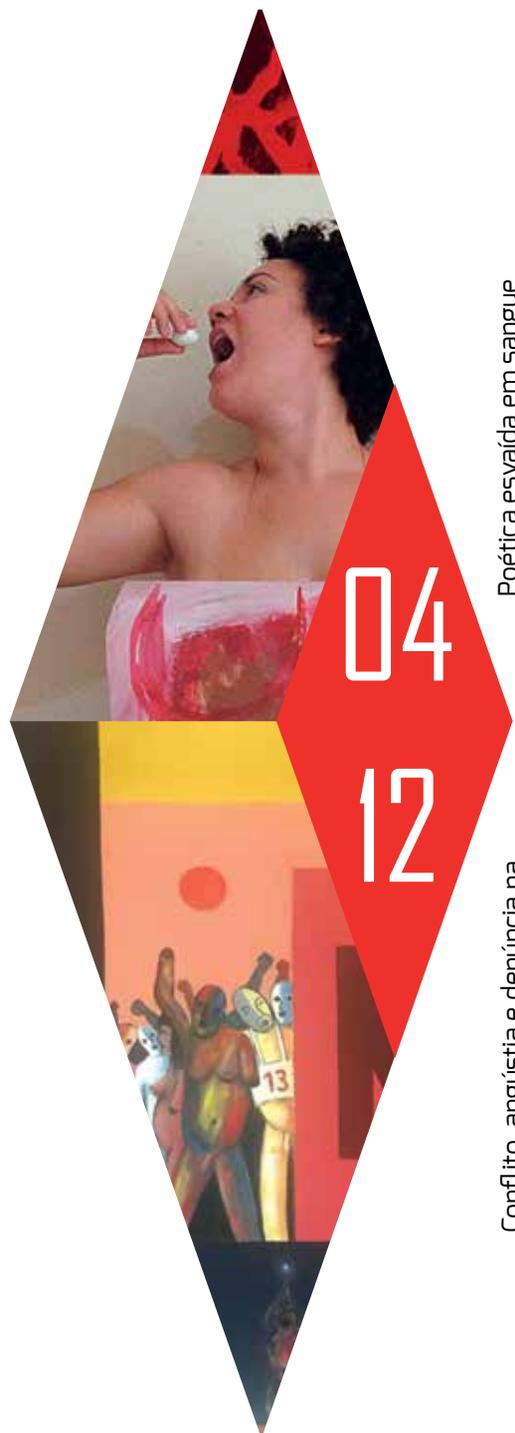
Ano 26 - Nº 26 - Novembro 2020 - R\$ 5,00



EDISE

Capa:

“Minha verdade é vermelha” de Gabi Etinger.



Poética esvaída em sangue
Rian Santos

Conflito, angústia e denúncia na obra de Éverton Santos
Antônio da Cruz



Canteiro de casulos
Ronaldson Sousa



22

Luiz Mangueira e sua luz
Sayonara Viana



38

CasAmor - os múltiplos
significados do verbo 'acolher'
Yago Andrade



28

A literatura Sergipana está viva - e tem humor
Marcos Cardoso



46

Aracaju uma saudade
**Prof. Dr. Humberto
Lima de Aragão Filho**



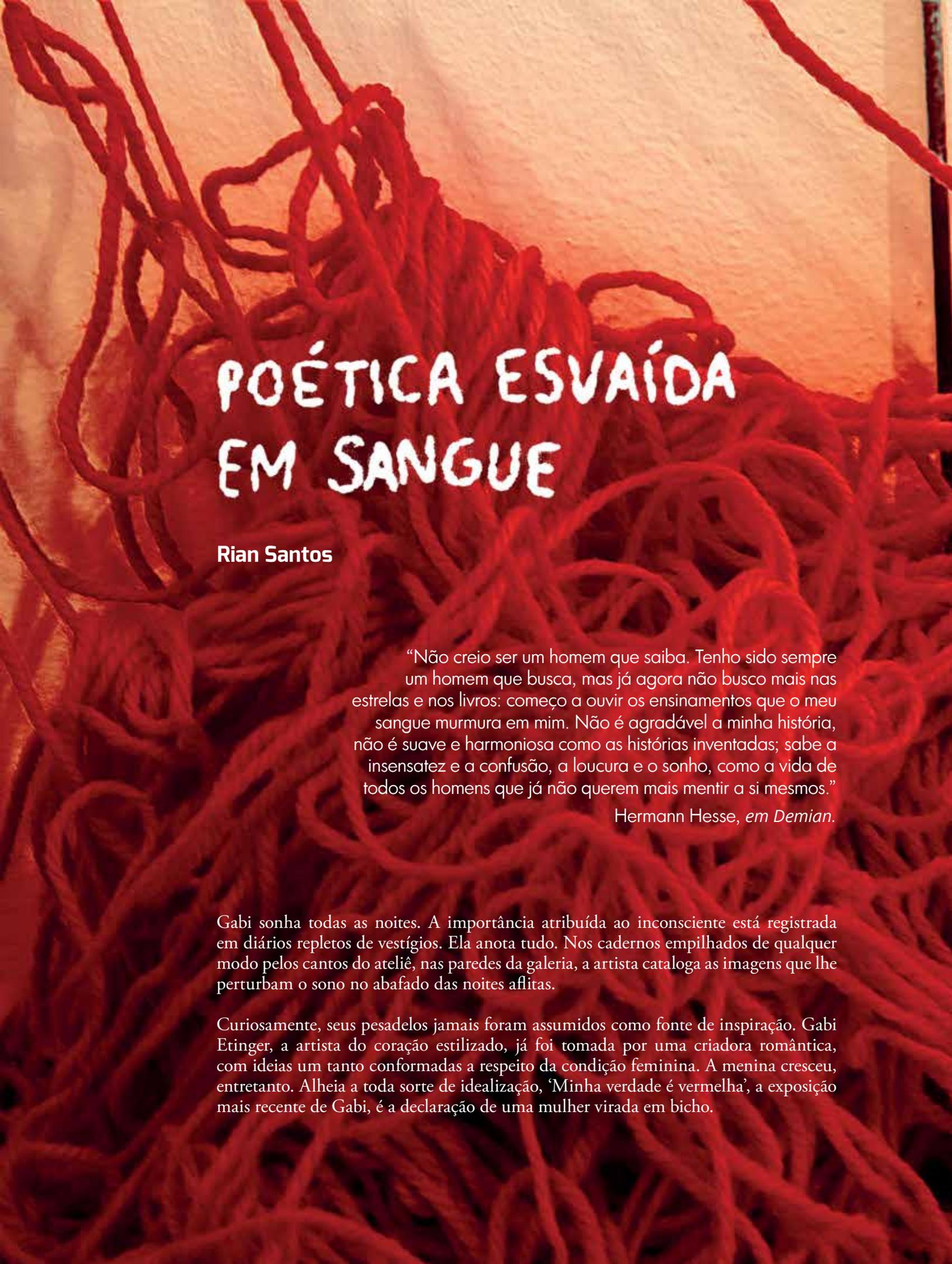
34

Poesias
**João Francisco dos Santos
(Chico Buchinho)**



68

Curiosidades sobre o Museu de
Arte Sacra de São Cristóvão
Jaime Neto



POÉTICA ESVAÍDA EM SANGUE

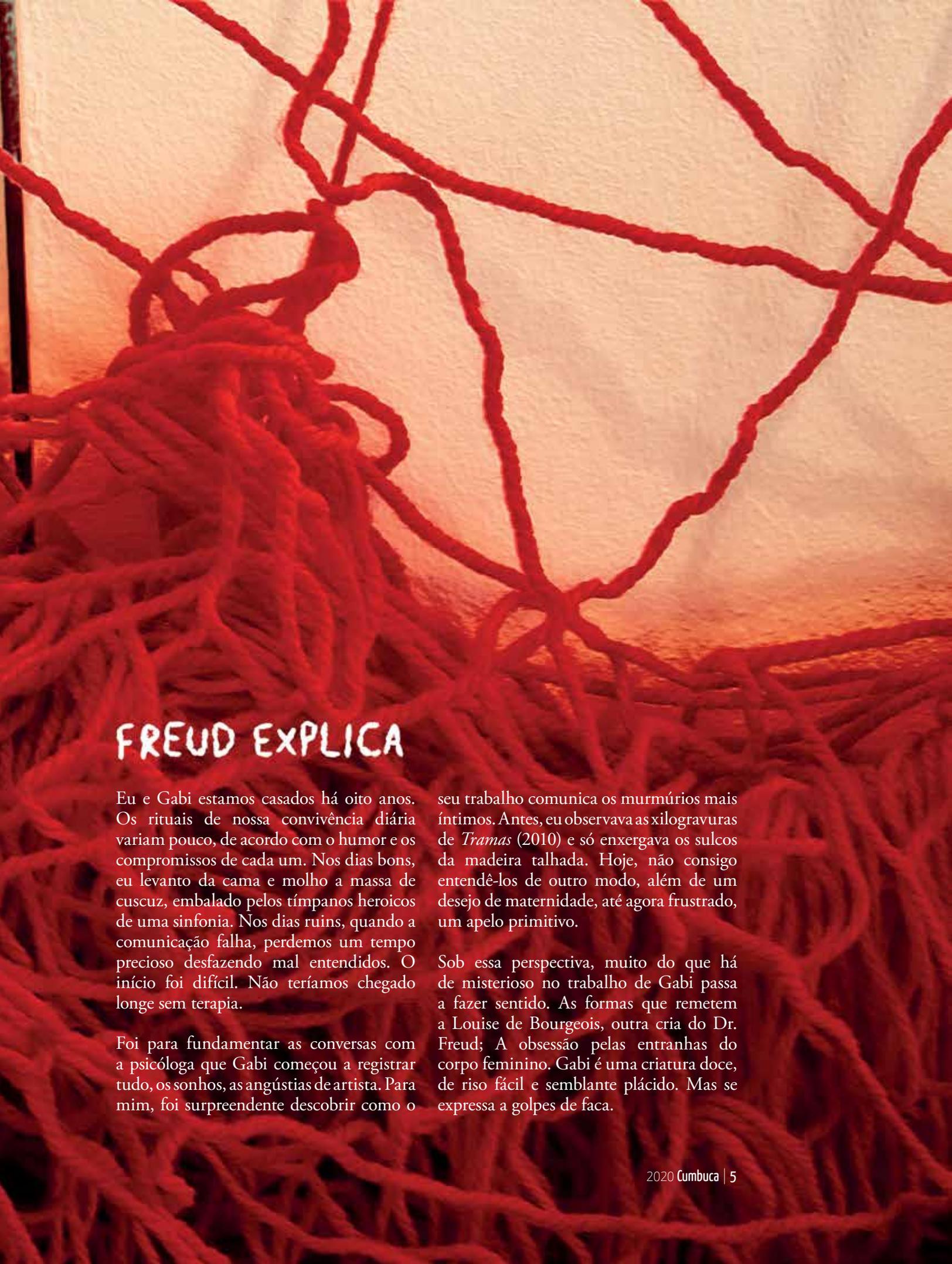
Rian Santos

“Não creio ser um homem que saiba. Tenho sido sempre um homem que busca, mas já agora não busco mais nas estrelas e nos livros: começo a ouvir os ensinamentos que o meu sangue murmura em mim. Não é agradável a minha história, não é suave e harmoniosa como as histórias inventadas; sabe a insensatez e a confusão, a loucura e o sonho, como a vida de todos os homens que já não querem mais mentir a si mesmos.”

Hermann Hesse, *em Demian*.

Gabi sonha todas as noites. A importância atribuída ao inconsciente está registrada em diários repletos de vestígios. Ela anota tudo. Nos cadernos empilhados de qualquer modo pelos cantos do ateliê, nas paredes da galeria, a artista cataloga as imagens que lhe perturbam o sono no abafado das noites aflitas.

Curiosamente, seus pesadelos jamais foram assumidos como fonte de inspiração. Gabi Etinger, a artista do coração estilizado, já foi tomada por uma criadora romântica, com ideias um tanto conformadas a respeito da condição feminina. A menina cresceu, entretanto. Alheia a toda sorte de idealização, ‘Minha verdade é vermelha’, a exposição mais recente de Gabi, é a declaração de uma mulher virada em bicho.



FREUD EXPLICA

Eu e Gabi estamos casados há oito anos. Os rituais de nossa convivência diária variam pouco, de acordo com o humor e os compromissos de cada um. Nos dias bons, eu levanto da cama e molho a massa de cuscuz, embalado pelos tímpanos heroicos de uma sinfonia. Nos dias ruins, quando a comunicação falha, perdemos um tempo precioso desfazendo mal entendidos. O início foi difícil. Não teríamos chegado longe sem terapia.

Foi para fundamentar as conversas com a psicóloga que Gabi começou a registrar tudo, os sonhos, as angústias de artista. Para mim, foi surpreendente descobrir como o

seu trabalho comunica os murmúrios mais íntimos. Antes, eu observava as xilogravuras de *Tramas* (2010) e só enxergava os sulcos da madeira talhada. Hoje, não consigo entendê-los de outro modo, além de um desejo de maternidade, até agora frustrado, um apelo primitivo.

Sob essa perspectiva, muito do que há de misterioso no trabalho de Gabi passa a fazer sentido. As formas que remetem a Louise de Bourgeois, outra cria do Dr. Freud; A obsessão pelas entranhas do corpo feminino. Gabi é uma criatura doce, de riso fácil e semblante plácido. Mas se expressa a golpes de faca.



Foto: Pascoal Maynard

UMA GOTTA DE SANGUE EM CADA POEMA

A forma feminina faz parte da poética alinhavada pela artista desde *Tramas*, a primeira mostra individual realizada por Gabi. O tema voltaria à baila, de uma maneira ou de outra, ao longo de toda a sua produção. Esta é a primeira vez, entretanto, que ela se atreve a ultrapassar a simples alusão para dar a cara a tapa. Agora, além do artifício e da representação, a artista declara a própria verdade em primeira pessoa, de corpo presente, carne e osso.

Nem tudo salta à vista, contudo. Além da aparência, antes da imagem e da forma, há também a ideia trançada em algodão manchado. Notável, a palavra escrita ganha volume ao evocar o ser biológico, estranho a tudo o que é sagrado. Inferre-se, portanto, a nódoa tem valor objetivo.

Gabi Etinger declarou com todas as letras: “Minha verdade é vermelha”. Uma afirmação que, dado o contexto hodierno, pode sim assumir contornos políticos, mas que aponta antes a sua relação visceral com a potência da sensibilidade feminina — uma oficina de novelas e tripas e sangue.

Trabalhos expostos em *Minha verdade é vermelha*, na Galeria de Arte J Inácio.

Lado esquerdo: xilogravuras com interferência de lã vermelha.

Lado direito: escultura e painel.

Foto: Divulgação

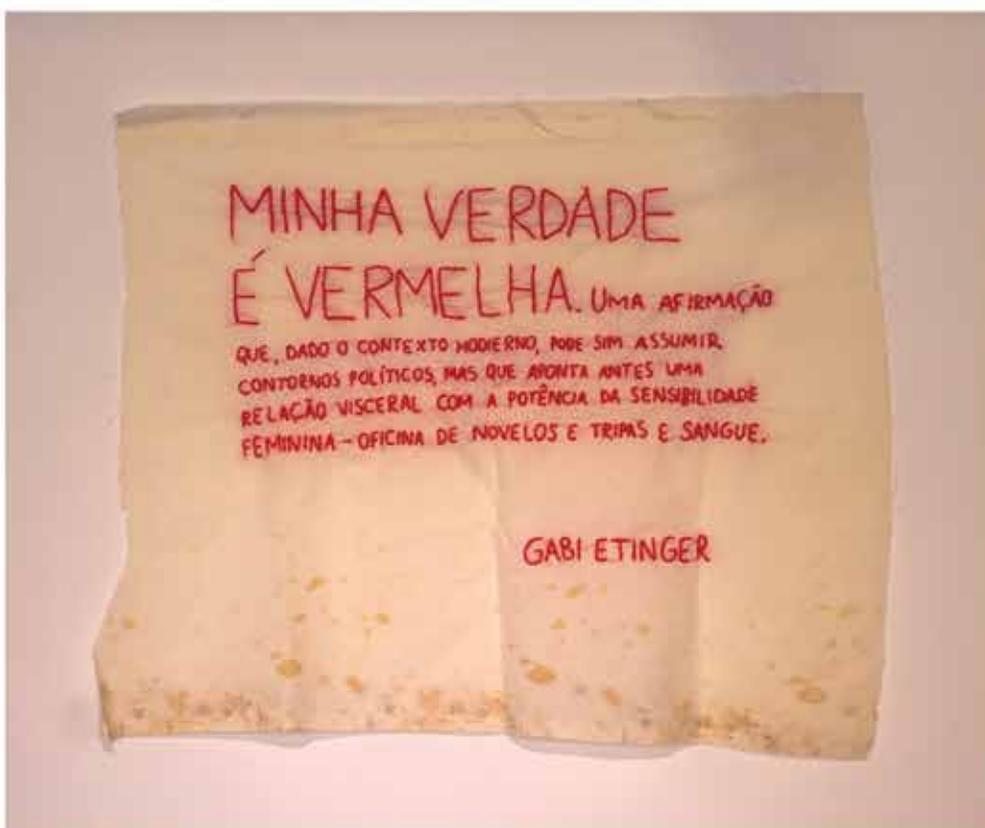






**Exposição *Minha verdade é vermelha*,
na Galeria de Arte J. Inácio.**

Foto: Pascoal Maynard



MINHA VERDADE
É VERMELHA. UMA AFIRMAÇÃO
QUE, DADO O CONTEXTO MODERNO, PODE SIM ASSUMIR
CONTOURNOS POLÍTICOS, MAS QUE APONTA ANTES UMA
RELAÇÃO VISCERAL COM A POTÊNCIA DA SENSIBILIDADE
FEMININA - OFICINA DE NOVELOS E TRIPAS E SANGUE.

GABI ETINGER

**Texto de
apresentação
bordado.**

Foto: Divulgação



Animação projetada em *Minha verdade é vermelha*.

Ao lado, fotografias com interferência de lã vermelha.

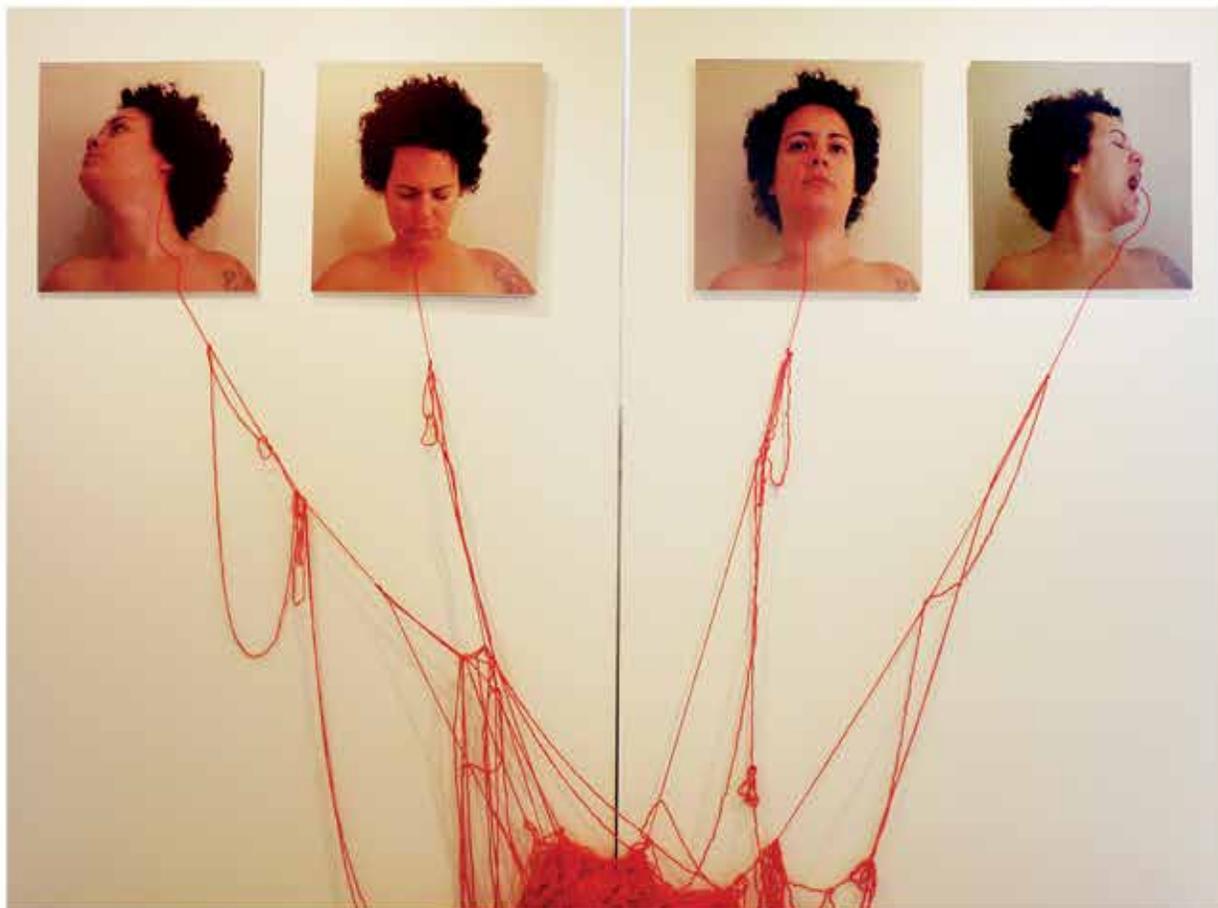


Foto: Pascoal Maynard

GABI ETINGER

Artista visual. Nascida em Aracaju/SE, 1986, onde reside e trabalha. Bacharel em Design Gráfico pela Universidade Tiradentes, iniciou carreira artística em 2005. Montou cinco exposições individuais e participou de mostras nacionais e internacionais. Um dos elementos fundamentais da sua poética é o subjetivo feminino, representado de maneira orgânica e visceral. Em 2013 fundou a Calango Design e Comunicação, voltada para produtos artísticos. Participou das duas edições do Projeto Arte Sesc Confluências, em Sergipe. Foi curadora, em parceria com Maicyra Leão, dos vídeos de Sergipe para o Projeto Livre-Troca, realizado por Newton Goto. Em 2017 foi professora substituta no curso de Design Gráfico da Universidade Federal de Sergipe. 

Exposições individuais

2019

Minha verdade é vermelha
(Galeria de Arte J. Inácio, Aracaju-SE)

2013

O amor em retalhos
(Galeria Jenner Augusto, Aracaju-SE)

2012

Êxodo (em parceria com o fotógrafo Victor Balde, na Galeria de Arte Sesc, Aracaju-SE)

2010

Xiloanime
(Galeria da Arte Sesc, Aracaju-SE)
Tramas
(Galeria Sayonara Viana, Aracaju-SE)

CONFLITO, ANGÚSTIA E DENÚNCIA NA OBRA DE EVERTON SANTOS

Antônio da Cruz, artista visual e cenógrafo.

O que aflora é parte do que existe. Assim como as raízes das plantas se ocultam sob a terra, a alma, analogicamente, pode ser sim a porção subterrânea do ser humano. Ela contém memórias recentes e reminiscências ancestrais, a seiva que a alimenta são as

referências genéticas e culturais e que quando vêm à tona são expressas por símbolos diversos.

A arte é uma das vias por onde as manifestações mais genuínas se evidenciam, e é pelas artes visuais que José Éverton Santos se expressa melhor.

Mergulhar na leitura das obras de Éverton é exercitar o espanto, tarefa angustiante e intranquila para iniciantes. Para o observador maduro, sua obra tem as impactantes características do neoexpressionismo, com incrementos de cenas absurdas encontradas tanto no mundo real, quanto no paranóico e onírico mundo surrealista, pois, com a perda do senso de ridículo, vão-se as rédeas do bom senso, da razoabilidade do ser humano. Muitas das situações do mundo real atualmente se afastaram da verossimilhança e se fundiram com o nonsense. Disto, Éverton trata na sua obra.

Conheçamos este artista e o seu universo. Nascido em Aracaju, no hospital que dá nome ao bairro Cirurgia, Éverton morou e se criou na rua de Riachão com Maruim, e, como haveria de ser, circulou nas redondezas da antiga caixa d'água, na Maloca e Baixa Fria, onde veio a se instalar, hoje, o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, que foi antes denomi-



foto: Cândida Oliveira

“A arte é uma das vias por onde as manifestações mais genuínas se evidenciam, e é pelas artes visuais que José Éverton Santos se expressa melhor”.

A Boca (2015) 30x40cm, óleo sobre tela.

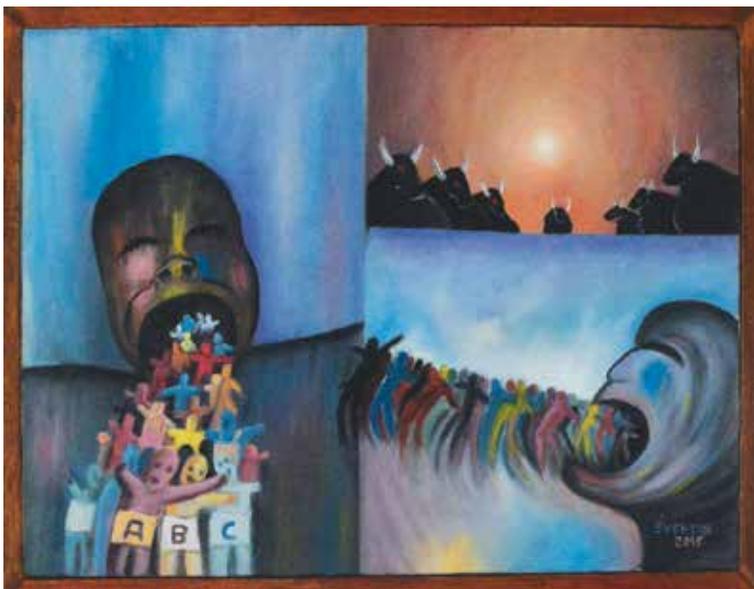


foto: Cândida Oliveira



foto: Everlane Moraes

nada Escola Técnica Federal. A região alta do bairro tem a tipicidade do Quilombo, pelos tipos humanos e a posição estratégica, título que se fixou na Maloca, aglomerado de residências de pretos como primeiro Quilombo urbano de Sergipe, um efervescente e permanente nascedouro de manifestações culturais e artísticas.

Foi no bairro Cirurgia que surgiram o bloco carnavalesco O Rasgadinho, a Quadilha de seu João das Cruz, as Escolas de Samba Império Serrano, Tubarão da Praia, Império do Morro, o Guerreiro de seu Euclides, o Samba de Coco de seu Enoque, a Chegança de João do Pão, o Reisado de Piliu, os Xangôs de Lê e Dona Isabel, o Bloco Carnavalesco de seu Oscar. Surgiram também os artistas plásticos Pithyu,

Daniel e Éverton. Ali também surgiram os cantores e compositores Irmão, Tonho Baixinho, Marco Antônio e seus seguidores: Date, Messias, Jimmy, Robinho e Black; os jogadores de futebol Manoel, Zé Pequeno e Tonho Pitomba, e outros.

Em meio a tanta gente talentosa haveria de ter alguém em quem se inspirar. O amigo João Batista, pintor de letreiros, mas hábil desenhista, proporcionou a magia do despertar para a arte. Foi com um desenho da figura do “Tarzan”, feito a crayon sobre cartolina, que Éverton se encantou tanto que resolveu fazer uma cópia. Depois veio a ser aconselhado pelo próprio João Batista a fazer um curso de desenho artístico por correspondência.

Outro amigo parceiro de brinca-

Figuras alienadas (2016), 50x60cm, óleo sobre tela.



foto: Cândida Oliveira



foto: Cândida Oliveira

Cabeça afrobrasileira (2019),
40x09x09cm, escultura em madeira.

deiras que também influenciou Éverton foi o hoje artista visual Piliu, morador da mesma rua, com o qual costumava, na infância, desenhar nas calçadas, jogar futebol na Baixa Fria, e ao lado da antiga caixa d'água, brincar de cowboy, pião, bola de gude, bola de pano, pernas de pau, esconde-esconde, e tantas brincadeiras típicas de crianças da época, inclusive o hoje politicamente incorreto: caçar passarinhos com baleadeira. “Lembro-me de muitos amigos daquela época: Airton, Manoel, Zé Pequeno, Mingola, Nego Dio, Baracachá, Farinha, Dundum, Tonho Pitomba, Bá, Etinho Cara de Castanha, Beto Macaco, Luiz Carlos Black, Valter de Lipordina, Bigodinho, Date, Júlio Lambança, Cícero Perнета”, diz o artista. Era um universo de tipos

humanos marcantes.

Ampliando o leque de influências, os artistas nacionais que mais inspiraram Éverton foram o gaúcho Iberê Camargo, para quem “A pintura é uma resposta para a vida”; e o paulista Cândido Portinari, cujas marcas são os temas da realidade brasileira e o cubismo. Dos internacionais ele cita o holandês Van Gogh, o artista dos conflitos internos; o norueguês Edvard Munch de *O grito*; e o anglo-irlandês Francis Bacon, este, o artista dos retratos de distorções faciais radicais. Mas artistas de outras linguagens também o influenciavam desde a juventude. São fontes de inspiração constante: o compositor alemão erudito Ludwig Van Beethoven e o escritor tcheco Franz Kafka. O mundo que alimenta a criação de Éverton é vasto e qualitativo.

Para as crianças pobres o sorriso da vida é amarelo. O vinco do trabalho é forte, marca e a cicatriz vira quelóide. A inocência, porém, atenua e perdoa tal dureza. Estudar durante a noite e trabalhar todo o dia a vender frutas no mercado junto com o tio e a mãe eram tarefas de sobrevivência e manutenção da dignidade. Havia em meio aos afazeres momentos de descontração. Além do prazer de elaborar desenhos para os trabalhos escolares, seus e dos colegas,

“Muitas das situações do mundo real atualmente se afastaram da verossimilhança e se fundiram com o nonsense. Disto, Éverton trata na sua obra”.

e encher o quadro escolar de desenhos nos intervalos das aulas, outra descontração era na feira. Quando ao fim da tarde os comerciantes fechavam suas barracas e iam embora, Éverton traçava desenhos a giz nas suas fachadas. Dia seguinte, ao chegarem, os comerciantes se deparavam com uma verdadeira galeria de arte a céu aberto. Era, ao seu



Cabeça exótica (2016), 63x27x03cm, escultura em madeira.

modo e do seu tempo, uma intervenção urbana.

E sempre foi com urbanidade que Éverton se relacionou com o meio artístico e assim continua. Ele, porém, tem reservas e diz: “Eu me integrei ao mundo artístico numa época em que a arte sergipana estava em plena efervescência. Com relação ao momento artístico atual, vejo com certa preocupação os rumos que a arte está tomando. A arte contemporânea está em evidência, faz parte do processo da criação artística, para o qual não existe fronteira, mas temos que ter cuidado para não banalizarmos a arte. Temos artistas contemporâneos fantásticos, mas esta mesma contemporaneidade deixa abertura para uma parafernália de conceitos e obras sem sentido, que nos deixa uma grande interrogação sobre ‘o que é realmente arte?’. Do jeito que vai, o artista do futuro não precisará mais conhecer os princípios básicos do desenho, da pintura e da escultura”.

O artista que passa pelos exercícios do desenho, da pintura e chega às três



Cabeça afrobrasilera (2019), 40x17x09cm, escultura em madeira.
foto: Cândida Oliveira

foto: Cândida Oliveira



Figuras surpreendidas numa armadilha (2018), 60x70cm.

dimensões cumpre uma trajetória que assegura seu amadurecimento. É a isto que Éverton se refere. Ele mesmo seguiu esta trajetória e, muito tempo depois de pintar, começou a esculpir. O trabalho em três dimensões em madeira, material pelo qual tem preferência, é fato recente.

Ao lhe perguntar como o público recebe a sua obra, o artista reconhece que o público tem opiniões diversas. “Aqueles acostumados com a pintura tradicional, decorativa, olham minhas obras com certo espanto e não gostam, mas existe uma grande parceria que gosta, valoriza, sobretudo, a mensagem que eu procuro transmitir, a singularidade das obras, que tem como objetivo básico um convite a reflexão, mostrar a realidade a nossa volta, abrir portas para uma análise e valorização da vida humana, a busca do belo camuflado nas imagens aparentemente fortes e agressivas”. O belo também se traduz no ato de pensar profundamente em dominar a forma para traduzi-la plasticamente.

Assim, das zonas abissais do inconsciente, passando por camadas menos profundas, onde há expressões de sofrimento, desespero, angústia, alheamento e estranheza, as figuras criadas pelo artista passam das telas para as esculturas. Seguindo o formato do

Não (2018), 70x50cm, óleo sobre tela.

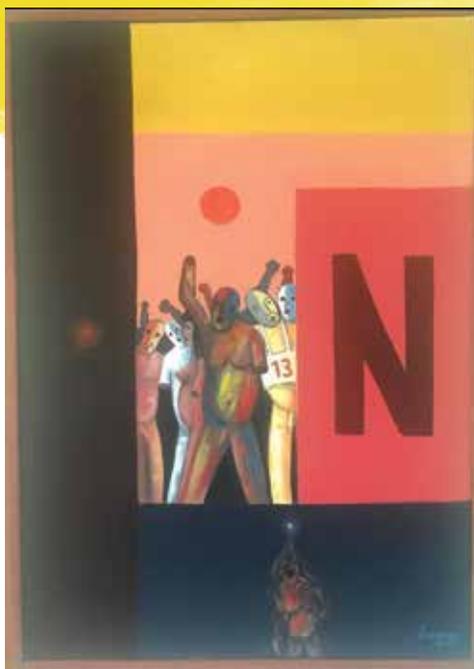


foto: Cândida Oliveira

tronco, usado como suporte, do impacto do macete no formão e com a lavradeira que se faz no tronco, Éverton faz surgir formas multifacetadas, híbridas, zooantropomórficas, onde a imaginação solta se materializa, se torna visível e palpável. “Tais camadas são constituídas pelos materiais herdados de geração a geração em uma determinada civilização e que permeiam toda a produção simbólica de um povo. São exatamente essas reminiscências simbólicas, compartilhadas com a cultura africana — possivelmente vivenciadas em tempos imemoriais — que o artista plástico Éverton vem plasmando em seu trabalho escultural”, cita o Dr. Professor Marcus Éverton Santos, filho do artista.



Movimento Revolucionário (2017), 70x80cm
óleo sobre tela.

foto: Cândida Oliveira

As reflexões de Éverton também dizem respeito ao destino, ao preconceito, às desigualdades sociais, à intolerância, e sobre o que o artista considera “o desenfreado avanço tecnológico, da crescente decadência moral, cada vez mais presente”. Neste aspecto, o artista se queixa da desumanização acelerada.

Para um artista que aborda temas tão profundos e complexos mereceu tratamento documental em linguagem de cinema. Desta forma, Everlane Moraes, cineasta, também filha de Éverton, formada pela *Escuela Internacional de Cine y Television de Cuba*, produziu o curta metragem *Abismos e conflitos — A expressão da condição humana*. O curta recebeu três premiações.

Por onde andou, em cidades no interior da Bahia principalmente, Éverton militou formando associação de artistas, ministrando cursos de pintura e produzindo exposições.

Foi membro, tesoureiro, da Associação dos Artistas Plásticos de Cachoeira; fundou juntamente com os artistas plásticos Antônio Salles, Ivan de Oliveira e Susart um movimento intitulado “O grupo dos quatro — A arte contemporânea de Cachoeira”; foi professor de desenho e pintura durante um ano em



Cabeça animalosa (2018), 16x17x16cm
escultura em madeira.

foto: Cândida Oliveira

Adustina-BA, curso patrocinado pela prefeitura municipal e pela câmara de vereadores; fundou e foi presidente da Associação dos Artistas Plásticos e Animadores Culturais de Adustina, criando consequentemente um movimento artístico denominado “A arte de Adustina”. Desta forma, sua militância artística e cultural têm sido intensa. Éverton está de volta a Aracaju e já realizou na capital três exposições individuais e atualmente integra o Fórum de Artes Visuais de Sergipe. Ele continua investigando, plasticamente, os conflitos e as angústias do tempo ora vivido. 

CANTEIRO DE CASULOS E MEMÓRIAS

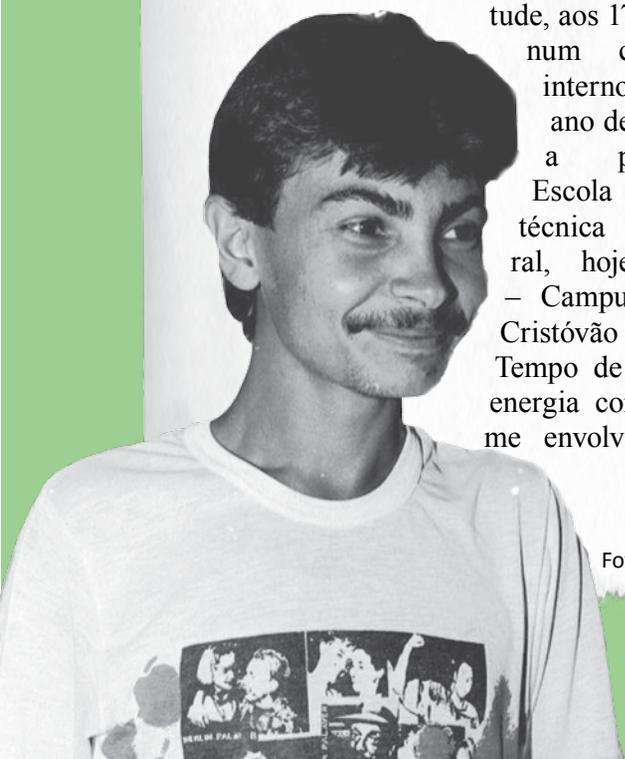
Ronaldson Sousa*

O nome de Francisco Pípio (pseudônimo de José Francisco dos Santos) chegou aos meus ouvidos ainda na juventude, aos 17 anos, num colégio interno no ano de 1986, a pujante Escola Agrícola Federal, hoje IFS – Campus São Cristóvão (SE). Tempo de muita energia com que me envolvia em

quase tudo das artes dentro e fora da escola, já publicava poemas e ilustrava jornais, participava de festivais de música, salões de humor e sonhava com as primeiras publicações em livro.

Nestes tempos a leitura de Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto, Carlos Drummond, Ziraldo e outros livros da biblioteca da escola amenizavam a lida diária e árdua dos estudos da prática agrícola, o internato e a solidão de estudar longe de casa. Já no último ano, tive contato com um aluno da escola, aspirante a poeta, da cidade sertaneja de Graccho Cardoso, Adeilson, o calouro de nº 15, das conversas surgiu a possibilidade de publicar uma antologia com alguns poetas de fora da escola. O meio seria a impressão em xe-

Foto: Douglas Mansur





rox ou mimeógrafo dos poemas e a capa um desenho meu em impressão serigráfica, apoio de Betinho Silk-Screen graças ao irmão dele que era da minha turma, em duas cores para a edição de *Sementes*. Nome apropriado para uma antologia de jovens, um estímulo e um feito inesquecível.

O projeto vingaria em pouquíssimos exemplares, dos quais não me restaram nenhum. Na capa, os participantes com 3 poemas cada: Ronaldson, Adeilson Santos, Betânia Andrade e Francisco Pipio, estes dois eu não conhecia à época. Mas eram das bandas do sertão e suas notícias vinham da bocarra entusiasmada do jovem Adeilson 15.

Uma década depois, convidado para uma aula de pós-graduação em Itabaiana, acompanhando a poeta Iara Vieira e o professor José Araújo (UFS), conheci entre os estudantes a Betânia, a carnção

daquele nome impresso na nossa juvenil antologia. E pouco depois, ao lançar o primeiro livro, *As cidades*, os jornais reacenderam o nome do poeta de Graccho Cardoso, Francisco Pipio na divulgação. Já pressentia que aquele nome iria vingar no meio literário pelo entusiasmo do colega tecnolando Adeilson, que era fã e mensageiro dos poemas de Chico Pipio. Logo percebi no livro inaugural o projeto coeso, maduro e uma poesia com enfoque urbano, contemporâneo.

Após investidas em contos e literatura infantojuvenil, eis que o poeta traz neste ano um novo título com uma dicção temática bem diversa do primeiro livro de poemas. Modo de falar às coisas, editado pela Confraria dos



Foto: Gladston
(2013)

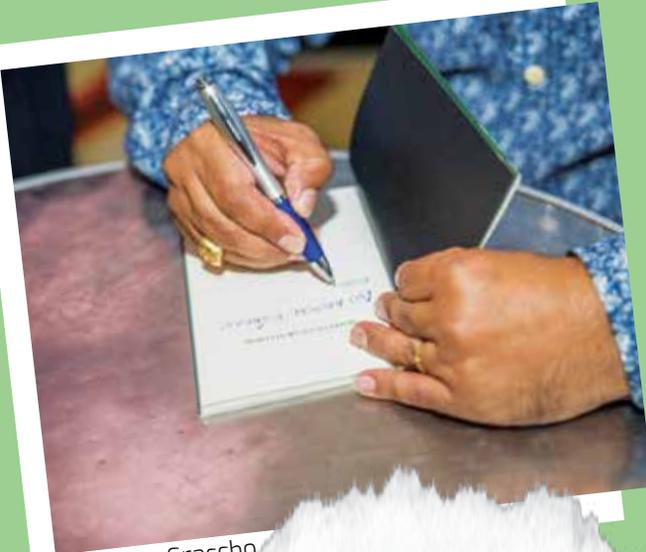


Foto: Igor Graccho



Foto: Igor Graccho

Ventos (RJ), revela um manejo mais apurado e uma ótica naturalista, cheio de qualidades imagéticas ao abordar a natureza e as memórias de infância. É o reconhecimento de coisas “suas”, delicadezas “sem valor” observadas por menino de interior, afeito às brincadeiras e descobertas da paisagem circundante: “caçar passarinhos era dessemelhante de outras brincadeiras para as crianças desafortunadas da rua do meio do nada (...)”.

Há também a preocupação vocabular, a síntese e a linguagem que devem ser o grande mérito de quem quer se aventurar na difícil arte de fazer poemas. A forma, a linguagem de Francisco Pipio se reveste de uma lente camaleônica ao tentar uma temática bem diversa da do primeiro livro e seguir a cartilha de um mestre como Manoel de Barros, o que arranca reconhecimento de nomes como o crítico, poeta e acadêmico da Academia Brasileira de Letras, Antonio Carlos Secchin: “a relação lúdica com a paisagem natural, na cena da poesia moderna, é uma vereda que parte da Cobra Norato de Raul Bopp, intensifica-se em Manoel de Barros e deságua no *Modo de falar às coisas*, de Francisco Pipio”.

Não há meio termo, ou se é poeta ou não.

Não há como juntar um monte de queixumes e idealismos em forma de verso, ou metrificar dores de cotovelo, e achar que está fazendo boa poesia. Poema é um degrau acima, ou um mergulho fundo na linguagem, jogar com a sintaxe com compromisso e consciência, envolver-se nela e tentar uma fisionomia, formas e forma, trabalho e densidade. Não é coisa fácil como muitos ainda teimam. Melhor seguir os mestres que deixaram o tempo amadurecer seus frutos, alguns publicaram depois dos 30 anos. Apesar que sempre existem exceções à la Rimbaud.

Francisco Pipio respeita seu tempo. Encara com ardor e seriedade seu ofício, preocupa-se com o leitor, tem cuidado com seus escritos e com a edição. *Modo de falar às coisas* é reflexo de seu empenho amadurecido desde aquela primeira antologia dos 80, *Sementes*. Sua semente vingou num canteiro poético ao qual não se fica indiferente: “voar, o galo até sabia. como se/ julgava soberano com seu sol/ avermelhado no cocuruto, ele/ queria aprender a desvoar./ desvoar (ele presumia): só um/ galo mágico pretenderia!” (O galo mágico).

A poética de Pipio serve de invólucro

Foto: Igor Graccho



estético para coisas vividas e observadas ainda na infância, o poema presentifica a criança interiorana ligada aos insetos e bichos da paisagem, o observar nuvens e a recuperação do vivido/imaginado em estética por meio da memória poética. Todo menino que teve o privilégio de viver este tipo de infância de povoados e sítios guarda este arquivo memorial das brincadeiras e bichinhos de jardim e chácaras, mas só os guris (poetas) conseguem materializar isso em linguagem. Neste modo de falar, modo poético e de busca de modulação com aspectos diversos do mundo, em conluio de escrita e memória, é que Pipio vai expondo seu mundo lúdico, de clorofila e musgo, de córregos e ruminantes, de besouros e ocasos, presentificado em literatura.

Neste modo de falar, há muito da busca pelo primor da poesia: modo, jeito, forma. Não tem como não sentir a onipresença poética de Manoel de Barros, espécie de busca de parentesco linguístico ansiando uma fisionomia: “os retirantes/ só puderam erguer/ suas casas/ à beira dos sapos./ de noite/ os sapos comeram as estrelas/ que pirilampeavam/ no horizonte incolor/ que emoldurava as casas./ veio a escuridão/ e a enxurrada: as casas/ ficaram doentes” (Imigrantes).



Charge Williamins

Este parentesco (ou influência ou reconhecimento em espelho literário?) é garimpado do genuíno mundo do menino de interior, andarilho de povoados, descobrindo a literatura nas cartilhas, infância de universo tão presente nas brincadeiras e memórias que servem de artefato para o ofício do poeta. E Francisco Pipio viveu tudo isso. Este é um livro bom de se ler e reler, tem densidade e leveza, a temática urbana do primeiro livro já vem mesclada com a vigorosa força da natureza, é uma via inversa que se quer neste novo trabalho. Conluio de natureza e homem, este como um fruto daquela, os aspectos urbanos aparecem como meros cenários, acessórios.

É desta escola poética que Pipio por agora se realiza, tem modo e linguajar das coisas do campo, entre fauna e flora, eleva sua semente tão cheia de viço, cor e ironia: “deu jaguatirica no pé de flamboyant/ vermelho que eu plantei no quintal/ alheio para colher jabuticaba roxa”. 

* Ronaldson Sousa é poeta, artista visual e autor de dois livros. Crítico filiado à ABCA.

Luiz Mangueira e sua luz

Sayonara Viana*

Fotos: Mozart Daltro

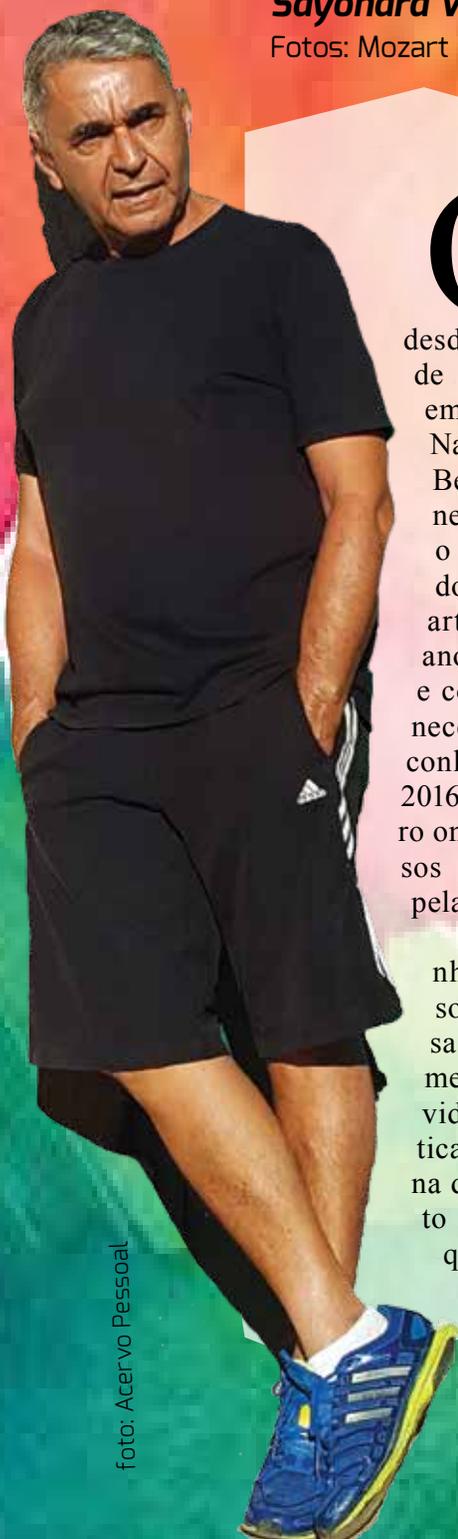


foto: Acervo Pessoal

O artista plástico José Luiz Mangueira Viana é natural de Aracaju-SE e desde menino sempre gostou de desenhar. Sua formação em Arquitetura na Escola Nacional de Arquitetura e Belas Artes no Rio de Janeiro possibilitou ao artista o contato mais aprofundado com o desenho e com as artes plásticas. Após vários anos atuando como arquiteto e como artista plástico, sente necessidade de aprimorar seu conhecimento e resolve, em 2016, retornar ao Rio de Janeiro onde participa de vários cursos e exposições organizados pela Escola de Belas Artes.

Suas obras vão do desenho a lápis à pintura em óleo sobre tela, pinceladas intensas que trazem à tona suas memórias e sua história de vida. Em sua produção artística não existe a preocupação na definição de um movimento artístico. Há períodos em que utiliza pinceladas mais soltas, de modo a valori-

zarem o movimento, produzindo obras com características do Impressionismo, registrando visualmente, através do jogo de cores e luz, a impressão que o “fora” deixa no “dentro” do artista, ou seja, a impressão que o mundo exterior provoca na subjetividade do artista. Outros períodos “transitam” pelo Expressionismo com obras que expressam seu estado emocional de forma a sobrepujarem as representações da vida social ou da natureza. Para o artista essa característica é uma dádiva: “Tive a sorte de não ver podado meu olhar”.

Os gêneros artísticos escolhidos pelo artista são paisagens (sítio onde vi-





veu e a cidade de São Cristóvão). Os retratos também fazem parte do seu trabalho (mulheres imaginárias, permitindo uma reflexão sobre a Maternidade, retratos da sua tia Laura, modelo de vários desenhos a crayon). Relembra:

“Para São Cristóvão, íamos: mãe, tia, avó e irmãos. Meu pai morreu cedo, éramos pequenos. Com certeza essas mulheres iam pagar promessas (quem sabe, para que um dia, nós, os filhos, fôssemos alguém na vida). Mas nós, crianças, nem imaginávamos o porvir. Íamos correndo na frente, pegando pareia com Mero — um vira-lata que ia aonde a gente fosse. A correria só acabava quando chegávamos lá; cansados, mas felizes. Geralmente às sete da manhã, hora do café, pois saíamos do sítio antes do amanhecer! Tudo escuro ainda... O dia clareava enquanto a gente caminhava na estrada longa. E ao chegar lá, era uma festa. Nossos tios e primos nos recebiam com tanto amor e carinho... Mesa farta. Cuscuz com ovos, pencas de banana encostadas na parede, pés de moleque, café coado na hora. Tanta coisa boa! Sem falar nas novenas à noite... A arquitetura já me chamava: A certa altura, já estávamos eu e Tonho* perdidos nos tetos das igrejas, mais altas do que as mangueiras do sí-

tio. São Cristóvão tinha seu patrimônio arquitetônico original. Isso em meados do século passado... Lá ficávamos admirando o sítio histórico intacto, com seus casarões que, na época, ainda tinham eiras e beiras.”

*Antonio Carlos Viana (1944-2016), escritor e professor, irmão de Luiz Mangueira.





“Suas obras vão do desenho a lápis à pintura em óleo sobre tela, pinceladas intensas que trazem à cena suas memórias e sua história de vida.”

Essas lembranças e o carinho pela cidade fizeram com que, em 2017, realizasse uma exposição individual intitulada “Cores e Sombras de Luiz Mangueira”, durante o Festival de Arte de São Cristóvão, no Escritório Técnico do IPHAN, depois de vários anos sem expor suas obras ao olhar do público (as últimas coletivas foram em 2000 e 2003). Dessa experiência relata:

“Ao participar de eventos no centro histórico, percebi que os cidadãos desta cidade histórica já não se encantam

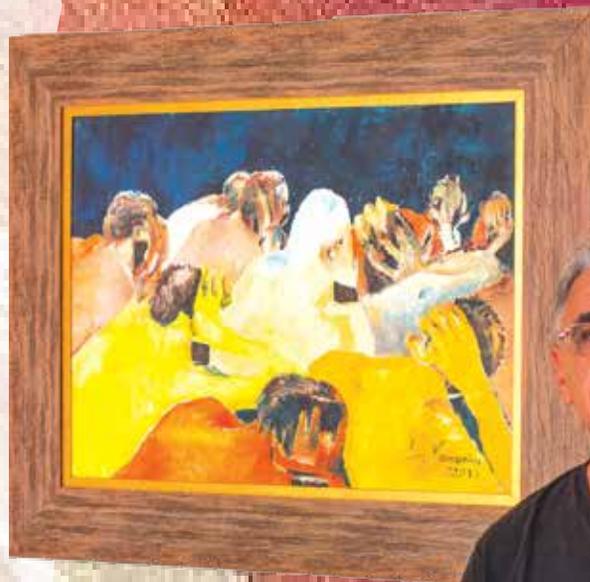
com a riqueza das formas. Muitos sequer entraram nos museus que estão a poucos metros de casa. Talvez lhes faltasse uma educação do olhar, ou simplesmente a consciência de tudo o que a arte pode oferecer à alma.”

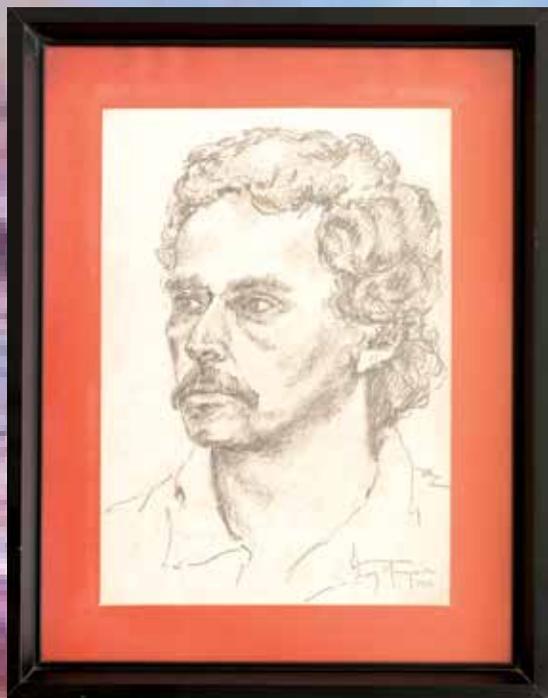
Durante a exposição em 2017 conheceu muitas pessoas da cidade que gostariam de aprender a desenhar e resolveu contribuir com a formação de novos artistas. No ano seguinte iniciou o Projeto “Desenhando São Cristóvão”, que contemplou uma ofi-



cina de desenho livre na qual a principal temática era o sítio histórico de São Cristóvão. Na primeira edição, em 2018, participaram 20 jovens com idade entre 10 e 20 anos, estudantes de escolas públicas da cidade. As aulas e atividades foram desenvolvidas no Museu de Arte Sacra de São Cristóvão e em espaços abertos em que os jovens aprendizes observavam e trabalhavam os objetos de estudo. Emocionado, releve a experiência:

“Convocando jovens, tive a alegria de perceber que eles só precisam do convite. A vontade de aprender a técnica, dos mais velhos, preocupados com a proporção. A fome de recriar, dos mais novos; traço firme e vontade de fazer o máximo dentro do mínimo tempo, o desenho nu e cru. Para além dos santos e da arquitetura, eles retratavam tudo o que havia até o horizonte, sem que eu precisasse dar diretrizes. Finalmente sentiam-se donos do espaço visual e ávidos do contato da pele com o papel. Já avançavam noutras carícias: ‘professor, haverá aula com tintas e pincéis?’.





Acompanhar essas e outras demandas que vão contra o senso comum. A ideia de que a arte não é fonte de renda. A falta de recurso para obter novos materiais por conta própria. Tudo isso sem que ninguém tenha lhes soprado a triste verdade de que nosso país não investe no patrimônio ainda mais importante do que casas e igrejas tombadas. O descaso com a potencialidade do ser humano. Uma indiferença ainda maior do que com as disciplinas utilitárias da educação formal. Crianças que não podem avançar nessa descoberta, porque precocemente têm de ajudar na renda familiar.”

Ao revelar novos talentos das artes plásticas entre a juventude sancristovense, o projeto buscou valorizar o patrimônio material e imaterial da cidade. A exposição “Jovens Talentos”, resultado do projeto, apresentou os desenhos produzidos pelos alunos e, dispostos ao olhar do público no próprio museu, possibilitou a todos os participantes o fortalecimento do sentimento de pertencimento daquele espaço e dos outros ali apresentados como “obras de arte”. Foi surpreendente para os envolvidos no projeto perceber o potencial dos jovens participantes, que pela pri-

“Atualmente, continua desenvolvendo os seus projetos inspirado e ladeado pelas centenárias mangueiras e pelos bichos do sítio, lugar que sempre esteve presente no seu imaginário e nas suas obras”.

meira vez em suas vidas tiveram contato com a Arte. A experiência desse projeto para o artista foi enriquecedora e lugar de encontro do próprio artista com a sua história de vida:

“A oficina trouxe à tona o melhor de cada inocência e o pior da realidade que priva os indivíduos de entender sua própria fome. Meu próprio olhar acompanhava o universo lúdico de cada aluno. Encontrei comigo mesmo quando era garoto; e agora tendo que oferecer respostas para o indizível desejo de criar. Saímos todos mudados desse pequeno projeto ‘Desenhando São Cristóvão’ que, se for possível, será apenas o começo da jornada desses novos talentos.”

Ele, atualmente, continua desenvolvendo os seus projetos inspirado e ladeado pelas centenárias mangueiras e pelos bichos do sítio, lugar que sempre esteve presente no seu imaginário e nas suas obras, lócus onde morou com a família e viveu sua infância. Dali vez ou outra vai à São Cristóvão, terra de encantamento que continua a amar, só para ouvir o toque dos sinos e apreciar a secular paisagem.

Cabe registrar na trajetória do artista alguns momentos marcantes, como a premiação de 2013 em que foi contemplado nacionalmente com o Prêmio Santander, com a obra “Celular”. Destacam-se ainda sua participação em publicações com as suas obras na revista *Arte & Estilo* (ano 7, dezembro de 2018) e em 2019 no livro *Brazil Connection in Europe* da autora Giza Machado.

Ao expressar, através da sua obra e dos seus traços marcantes seu mundo e sua memória, revela a sua sensibilidade repleta de luz. 



A literatura sergipana está viva – e tem humor

Marcos Cardoso

A literatura sergipana está viva, provocando sensações, produzindo efeitos estéticos e nos permitindo compreender melhor as verdades da condição humana. Nos últimos anos, novos e velhos autores venceram o medo da exposição pública e tiveram coragem de lançar aos livros a originalidade de suas criações literárias.

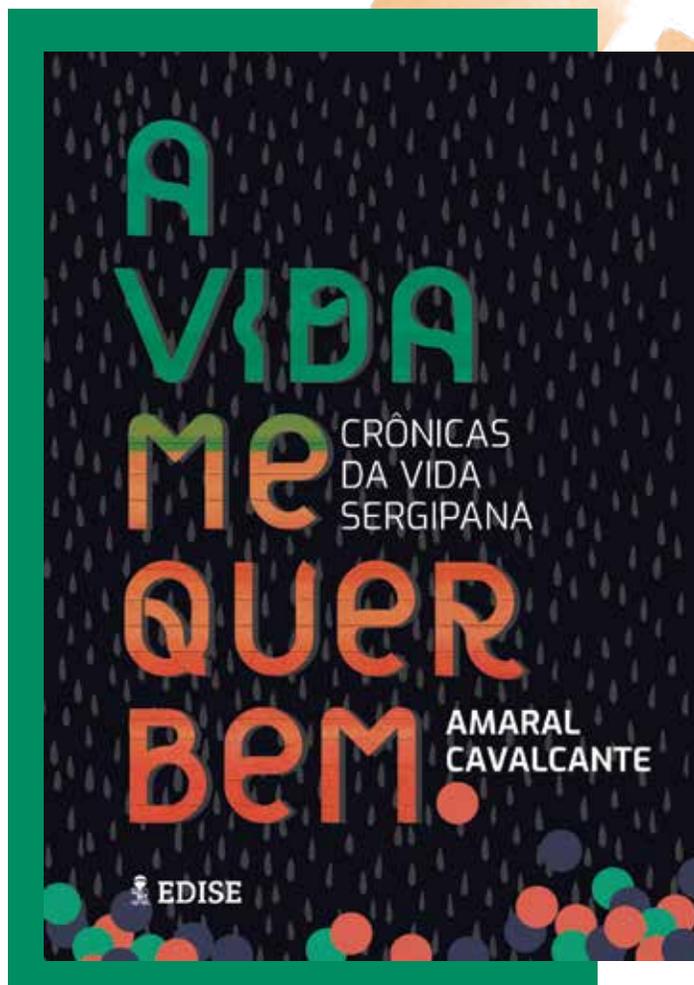
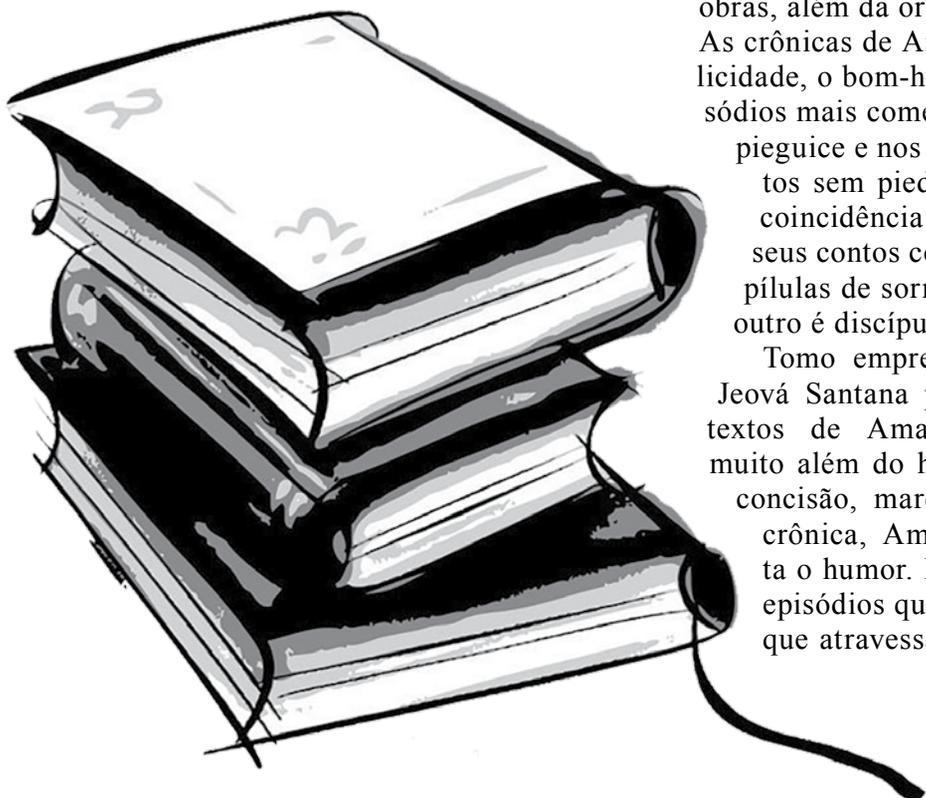
Originalidade, sim, aquilo que Arthur Schopenhauer (1788-1860) definiu com certo lirismo: “Os eruditos são aqueles que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios, os fachos de luz e promotores da espécie humana são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo”.

Depois que profetizaram a morte do livro, parece que as editoras proliferaram. Na grande Aracaju, existem hoje a Editora UFS, a Editora Universitária Tiradentes, a Infographics, as gráficas que produzem livros e outras. Mas duas editoras estão na vanguarda dessa onda que mantém o movimento no mundo das letras e atiça o desejo de tornar conhecidos os que escrevem: a Edise, Editora do Diário Oficial do Estado, presidida por Ricardo Roriz e dirigida por Milton Alves, e a Criação Editora, da expedita programadora visual Adilma Menezes.



A Edise publicou 24 livros em 2019, sendo que a maioria dessas obras são textos de não-ficção, poucos de literatura. Ainda assim dois títulos literários merecem referência: o muito aguardado *A vida me quer bem – Crônicas da vida sergipana*, de Amaral Cavalcante, e *O tatu de Pirakê*, do contista revelação Djenal Gonçalves Filho. Um ano antes, é imperativo mencionar, a Edise lançou o segundo livro de contos de Zeza Vasconcelos, *Suíte dos viventes*.

Já a Criação Editora publicou impressionantes mais de 60 livros no ano passado, mas igualmente pouca coisa no campo literário, como o livro de crônicas *Ranhuradas do tempo*, do também poeta Inácio Loiola. Mas merece destaque um romance, *O caderno de Tântalo*, de Augusto de Melo, um veterano escritor, inédito até então.



A VIDA ME QUER BEM

Há uma marca em comum nessas obras, além da originalidade: o humor. As crônicas de Amaral convidam à felicidade, o bom-humor respira dos episódios mais comezinhos narrados sem pieguice e nos tipos caseiros descritos sem piedade. Talvez não seja coincidência que Djenal bordeje seus contos com pérolas de graça e pílulas de sorriso. Um é mestre e o outro é discípulo.

Tomo emprestado o prefácio de Jeová Santana para advertir que os textos de Amaral Cavalcante vão muito além do humor: “À leveza e à concisão, marcas proeminentes na crônica, Amaral ainda acrescenta o humor. Este advém tanto dos episódios quanto dos muitos tipos que atravessaram sua vida, quan-



to do próprio estilo, no qual incluem-se a valia do registro oral, a adjetivação equilibrada entre a imponência e o es-cracho, as pinceladas de poesia (*Teimosa, só brota quando a chuva é festa na mata e, na aguada, o sapinho de rabo anuncia — danado de contente — que lá vem fartura de Deus molhando a plantação. Ploc, Ploc, o olho verde perruche espia*), o modo como articula as frases, a predisposição de tirar o leitor de sua zona de conforto e colocá-lo no redemoinho da cena — como se sabe, nesta última, foi useiro e vezeiro certo Machado de Assis.”



ZEZA VASCONCELOS

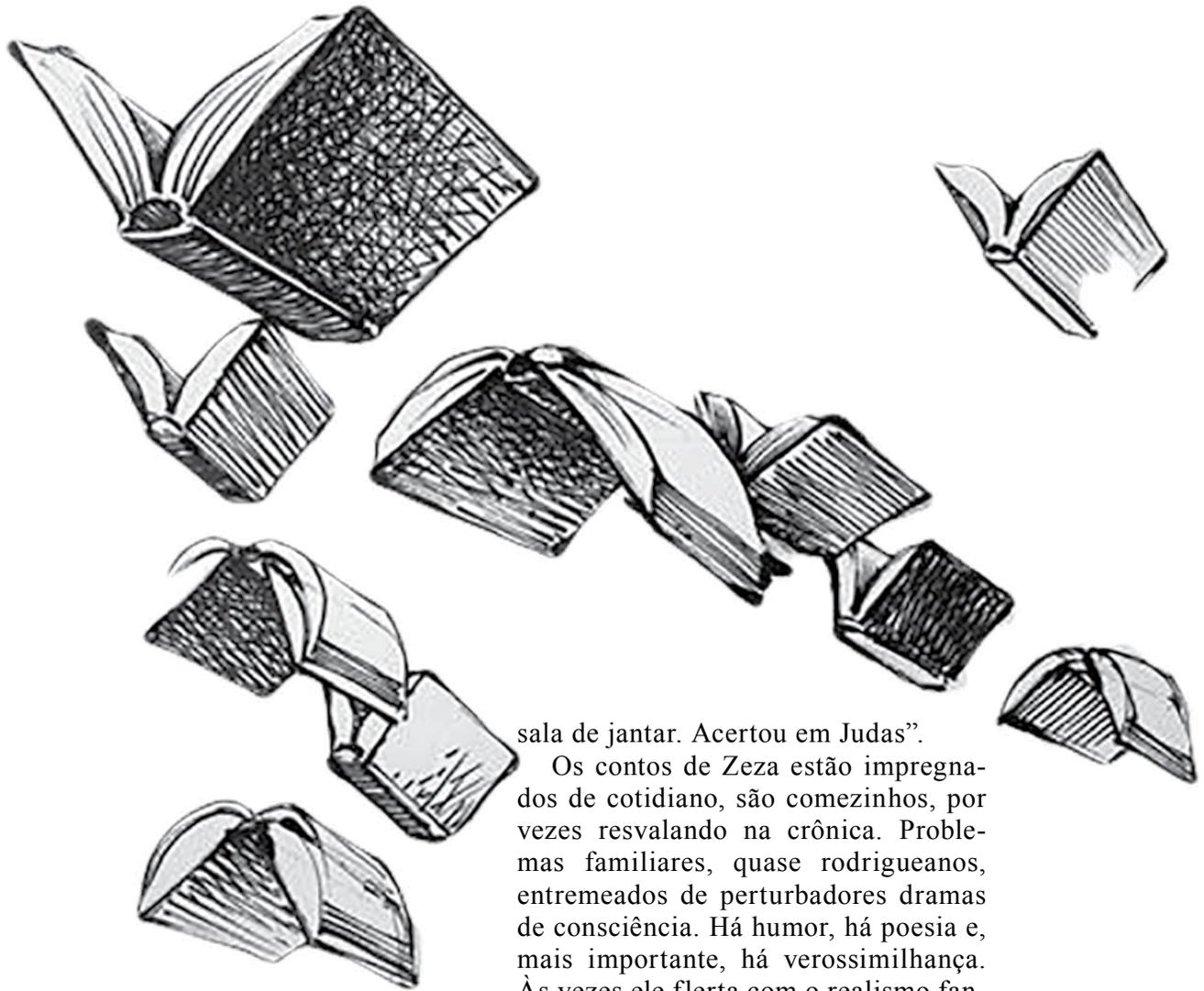
SUÍTE DOS VIVENTES

 EDISE

SUÍTE DOS VIVENTES

Já Zeza é de um sutil sarcasmo. Os contos deste *Suíte dos viventes* diferenciam-se dos textos daquele *O herbanário de tia Finha e outras curtas histórias*, de 2016, pelo humor embutido na situação mais dramática. É como ouvir uma boa piada no velório. Se lá é impossível não rir da circunstância, por aqui a cena beira a tragicomédia. Veja-se o conto “Atire a primeira pedra”:

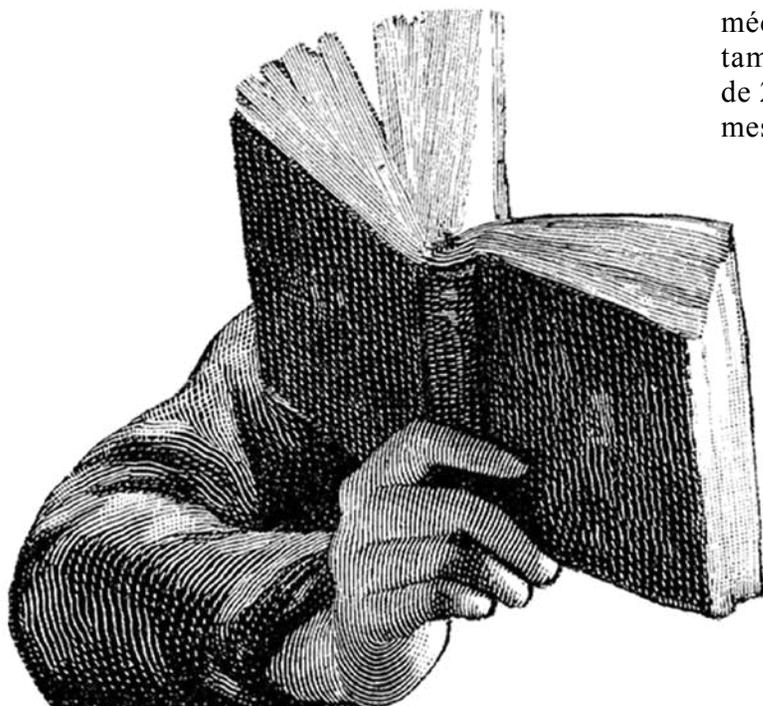
“Agora estava só. Num ímpeto de raiva, quebrou todos os porta-retratos onde apareciam fotos do casal nos diversos lugares em que tinham viajado — resorts, ilhas paradisíacas, estações de esqui — em sucessivas luas de mel. Pegou seu revólver que estava guardado há muito tempo no guarda-roupa. Rodou o balão e deu um tiro no quadro da Santa Ceia, pendurado na parede da

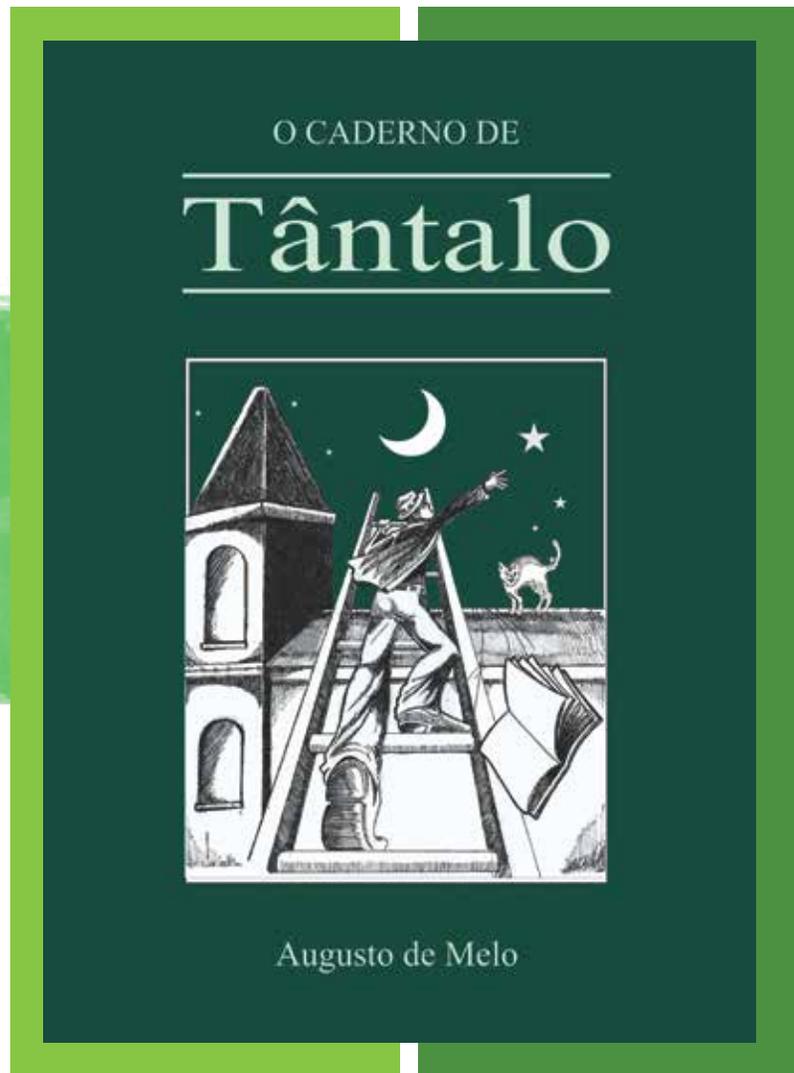


sala de jantar. Acertou em Judas”.

Os contos de Zeza estão impregnados de cotidiano, são comezinhos, por vezes resvalando na crônica. Problemas familiares, quase rodrigueanos, entremeados de perturbadores dramas de consciência. Há humor, há poesia e, mais importante, há verossimilhança. Às vezes ele flerta com o realismo fantástico, mas nada do que escreve contraria a verdade. Como convém a qualquer boa obra de ficção. E as possíveis previsibilidades são superadas pela sutileza dos desfechos, arrematados quase sempre por genuínas surpresas.

Zeza Vasconcelos, nome artístico do médico José Vasconcelos dos Anjos, também é autor de um romance, Sara, de 2017, e já tem no prelo novo livro no mesmo gênero.





O CADERNO DE TÂNTALO

O humor no *O caderno de Tântalo*, de Augusto de Melo, está nos gestos e atitudes do protagonista, Abílio Marafuz. É um romance farsesco e epistolar, nesse caso monológico, obra composta pelos textos do diário do personagem-narrador, um gráfico aposentado que vive entre a capital e quase recluso no sítio em Laranjeiras.

“A criatividade e o tom de sátira permeiam a narrativa. O autor retrata, entre outras coisas, a Aracaju dos idos de 1990, apressadamente ocupada por prédios residenciais, para tratar de um ‘intrigante’ segredo: quem escolhia os nomes pomposos de todos esses

prédios?”, indaga a professora Denise Gaujac, que assina a orelha do livro.

“Abílio Marafuz veio para ficar e já tem um cantinho reservado na galeria de personagens da nossa literatura. Não há como esquecer do seu suplício e da sua obsessão por conhecimento através da leitura e, principalmente, amor ao livro. Pode até ser um amor meio torto, safado, mas amor ao livro. No fundo, uma maneira bem-humorada de se homenagear o livro impresso”, observa o professor Herivelto Couto, que apresenta o romance de estreia de José Augusto Melo de Araújo, o também professor, agora Augusto de Melo, o escritor.

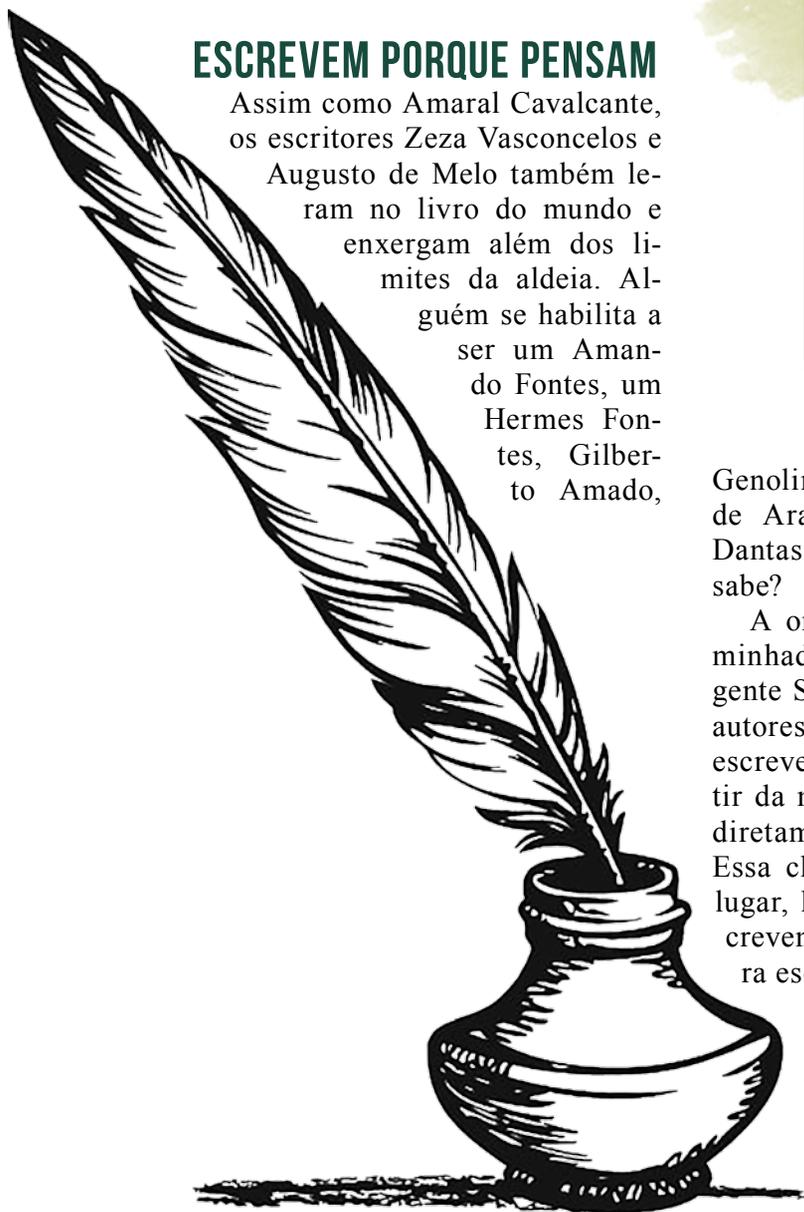
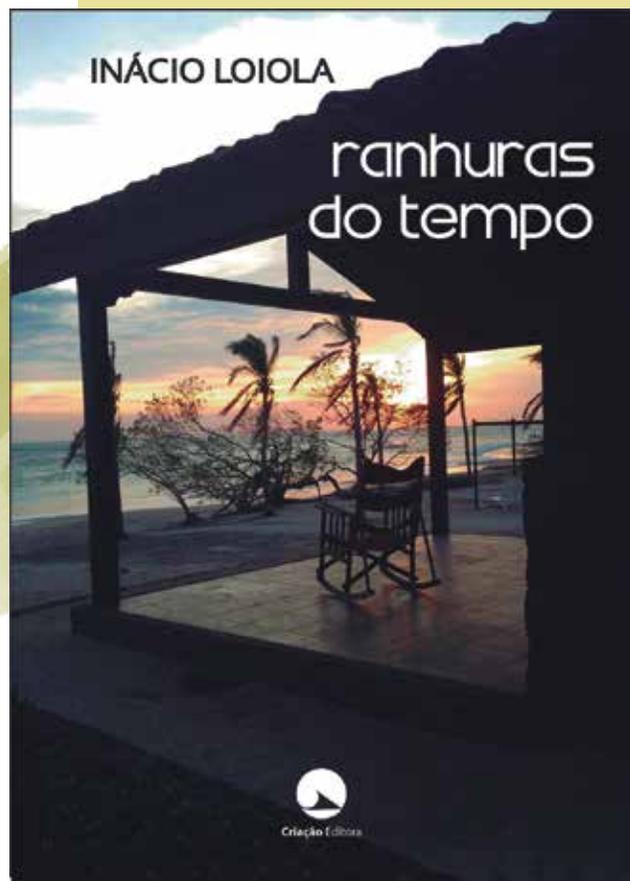
ESCREVEM PORQUE PENSAM

Assim como Amaral Cavalcante, os escritores Zeza Vasconcelos e Augusto de Melo também leram no livro do mundo e enxergam além dos limites da aldeia. Alguém se habilita a ser um Amando Fontes, um Hermes Fontes, Gilberto Amado,

Genolino Amado, Alina Paim, Nélon de Araújo, Mário Cabral, Francisco Dantas, Antonio Carlos Viana? Quem sabe?

A originalidade é exigência da caminhada e isso evoca, de novo, o exigente Schopenhauer: “Há três tipos de autores: em primeiro lugar, aqueles que escrevem sem pensar. Escrevem a partir da memória, de reminiscências, ou diretamente a partir de livros alheios. Essa classe é numerosa. Em segundo lugar, há os que pensam enquanto escrevem. Eles pensam justamente para escrever. São bastante numerosos.

Em terceiro lugar, há os que pensaram antes de se pôr a escrever. Escrevem apenas porque pensam. São raros.” **G**



Poesia

João Francisco dos Santos (Chico Buchinho)



Nos anos setenta do século passado, comecei a juntar os primeiros poemas e participar de saraus, concursos, festivais, etc. Em 1974, publiquei o meu primeiro trabalho, *Laranjeiras em Versos*, obra em cordel com ilustração do artista plástico Veto, editado pelo GRFACACA. Em 1976 fui ganhador do Troféu Atalaia, do VII Concurso de Poesia Falada do Norte e Nordeste e segundo colocado no I Concurso de Contos de Sergipe, em Aracaju.

No início dos anos oitenta, reuni poemas da década anterior e publiquei *Poemas Sub/Versivos*. Particpei ainda de uma coletânea intitulada *Pacote de Poesia*, da Cooperativa de Poetas de Sergipe.

Ao ingressar no século XXI resolvi juntar poemas dos anos 80 para publicação, era *Nós da Vida*. Mas devido a compromissos fui adiando a publicação do livro.

Agora, ao retorno da militância poética e como membro do Movimento Cultural Antônio Garcia Filho - Academia Sergipana de Letras e da Academia Aquidabaense de Letras, Cultura e Arte, finalmente entrego *Nós da Vida* e espero que saibamos sempre desatar os nós das nossas vidas.

A poesia em hibernação

“Hoje
sou
do tamanho do mundo
das coisas que vivo
que sinto e que amo”

Sem olhar

sem olhar pravocêeutevejo
sei olhar pravocêetebeijo
se eu olhar proolhartedesejo

sem olhar
pra você
eutevejo

sei olhar
pra você
etebeijo

se eu olhar
pro olhar
tedesejo

seu olhar
pralá
vou provar

cem olhar

Caetano

um menino navega
no som do Brasil
um ano cae
cai também os braços
o corpo som
e a vontade de ser feliz
cai regimes
e fica o moço

tá no ânus
na flecha do índio
no afoxé da Bahia
no ritmo de Mick Jagger
na palavra de Pessoa

vence o poeta
da lua e dos passos
na sombra da arte
no orifício da parte
no sucesso sem sucessão

a luz do show clareia
eta bicho bom
os quadris odara
uma visão tão clara
“preto com um buraco no meio”
um homem busca
a imagem sua
a mulher nua
a mesma juventude
o calor da força
a tritura do norte
a voz brasil

cae no ta
ta no eca
eca no ta
taca ano / êta Caetano!

Por teus

calo porque te quero
se queres de mim só corpo
eu busco nos teus olhos o teu ventre
e desço até a sola dos teus pecados

clamo porque te amo
se desejas de mim a boca
eu traço o perfil dos teus seios
e subo até o pico dos teus cabelos

claro porque teu corpo
se junta em mim moreno
eu laço meu braço no teu pescoço
e puxo até o sono dos teus gemidos

colo porque te vejo
se dormes em mim teu filho
eu deito meu peito nos teus acordes
e acordo até no sono dos teus segredos

Índio postal

Quando ele nasceu para o branco
já tinha apito
pena no peito
e um jeito de andar
como índio.

Foi pensando ser irmão do branco
que sua mão em punho
levantou-se
e lhe caiu dos olhos
a primeira lágrima.

E, logo cedo, apareceu mais branco
com pimenta e gravata
lhe vestindo a alma
e purificando a sombra
de suas orações.

Não foi só Sepé que viu o branco
nem Tuxá, Xocó, Xucuru,
Kariri, Tupi ou Cambiwá
e não somente de semente
que seus frutos serviam para amar.

Quando ia um, vinha outro branco,
caravelas e botas navegando
todos eles queriam ser da raça
e da taça do sangue
iam provando.

Era ter um escravo tinha um branco
que o índio queria “atrapalhar”
trabalhar como o preto
não queria
era sempre o branco que dizia.

Ficou negro e caboclo com o branco
pele de sol
gosto de aração
maionese, goiaba, acarajé
Oxum com Cristo e pajé.

Fez-se verde/amarelo junto ao branco,
com flores até resplandecer
de República azul
cor das estrelas
bandeira para se enr(x)ugar.

O índio postal saiu do branco
das trevas sem aldeia
flecha e arco
e foi para a cidade
guerrear.

Quando ele morreu para o branco
não tinha apito
nem pena no peito
e já tinha o jeito de andar
como branco.

Poema que veio de uma angústia

Com Danilo Sampaio

Eu preciso sentir
a nova fala
em todos os cantos

mas, por que mudaram os rumos do vento?

Eu preciso saber
do novo dia
em todos os tempos

mas, por que desentender os rumos da história?

Eu preciso falar
a nova poesia
apesar de tudo

mas, por que as flores não brilham?

Nós precisamos ascender os metais do sonho
enquanto não vemos o brilho das flores
e é preciso ainda fazer
o novo canto.

Dose Homeopática

Peque uma pitada de silêncio
junte aos cascos de solidão.
Mexe uma colher de desprezo
com uma pitada de abandono.
Jogue um copo de ressaca
numa forma de escuridão
e pronto:

Tome diariamente
antes de dormir.

Breve você encontrará o caminho da fossa.

CasAmor:

os múltiplos significados do verbo 'acolher'

Yago Andrade

Proteger, abrigar, receber, aceitar, abraçar. Todos esses significados para o verbo 'acolher' passaram a fazer mais sentido na vida da população LGBTQI+ de Sergipe em 29 janeiro de 2018. A data marcou oficialmente a fundação da CasAmor, primeira casa de acolhimento para pessoas que carregam consigo a bandeira da diversidade, sobretudo para aquelas em situação de vulnerabilidade social.

Apesar de ter sido inaugurada em janeiro de 2018, o processo de planejamento para implantação do projeto se deu bem antes, como explica a presidente da CasAmor e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Linda Brasil. “Nossa primeira reunião aconteceu em agosto de 2017, que tinha como objetivo a participação em um edital para o levantamento da população

carcerária LGBTQI+. Esse projeto acabou não dando certo, mas no decorrer de outras reuniões que fizemos, outras pessoas compareceram já querendo colaborar com a fundação da Associação CasAmor, e em janeiro nós finalmente inauguramos o espaço”, detalhou.

Localizada na Rua I, no bairro Inácio Barbosa, em Aracaju, a associação teve como modelo a Casa Nem (Rio de Janeiro) e a Casa 1 (São Paulo) e nos últimos anos se tornou um ponto de referência para a população LGBTQI+ de Sergipe. “Esse é um espaço de conscientização e sensibilização. Só o fato da CasAmor existir já acaba gerando certas reflexões na sociedade sobre a problemática do acolhimento das pessoas LGBTQI+ que são expulsas de casa. Muitas das vezes essa falta de acolhimento acaba sendo por falta de conhecimento, e a CasAmor

A CasAmor é primeira casa de acolhimento para pessoas que carregam consigo a bandeira da diversidade, sobretudo para aquelas em situação de vulnerabilidade social.

acaba proporcionando essa discussão que gera informação e debates”, ressaltou a presidente.

De acordo com Linda Brasil, um dos objetivos da CasAmor quando fundada foi proporcionar um espaço que funcionasse como abrigo provisório para pessoas LGBTQI+ em situação de vulnerabilidade, porém, mesmo após dois anos, esse desejo ainda não pôde ser realizado. “São quatro alvarás que necessitamos para termos a liberação da casa para abrigar as pessoas. Para que haja essa liberação dos alvarás de funcionamento é preciso que sejam feitas algumas adequações na casa, no sentido de acessibilidade, segurança e para prevenção de incêndios”, explicou a presidente.

Apesar disso, ela enfatiza que a intenção é que a CasAmor funcione tanto como abrigo provisório, quanto como espaço de cultura e arte para a população LGBTQI+. “A CasAmor foi pensada também como um espaço de resistência, onde através da arte e cultura nós podemos sensibilizar e conscientizar, então juntamos a ideia

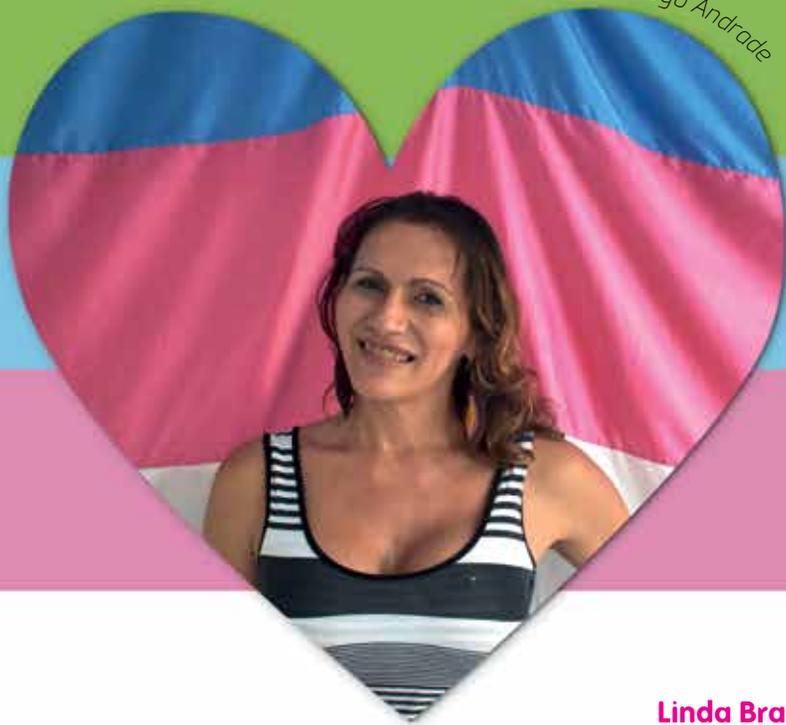


Foto: Yago Andrade

Linda Brasil



Grafite na CasAmor

Grafite: Moara / Foto: Yago Andrade

do acolhimento e a assistência com o empoderamento através da arte”.

Trabalho voluntário

Ainda sem o apoio de empresas ou órgãos governamentais, o local é mantido com a colaboração de voluntários e dos eventos que são promovidos, contando hoje com

mais de 100 pessoas que esporadicamente atuam nas ações da instituição, porém, 13 delas atuam de maneira fixa. Um destes voluntários é o publicitário Eron

A associação teve como modelo a Casa Nem (Rio de Janeiro) e a Casa 1 (São Paulo) e nos últimos anos se tornou um ponto de referência para a população LGBTQI+ de Sergipe.

Neto, que faz parte da equipe de apoio da CasAmor desde a construção do projeto. “Tenho 28 anos e desde os 20 estou inserido em projetos sociais, comecei com um projeto de Doação de Sangue no lugar que trabalhava e passei algum tempo trabalhando como educador social. O que me motivou a participar da construção da CasAmor foi a vontade de estar inserido na luta LGBTQI+. Experiências pessoais me fizeram entender diversos privilégios e me senti pronto para demandar tempo trabalhando em prol da minha comunidade”, destacou.

Foto: Arquivo pessoal



Eron Neto

Responsável pela criação de campanhas e posts de divulgação das atividades da CasAmor nas redes sociais, além

de realizar o atendimento à imprensa, prospecção de voluntários e demais produtos de comunicação, Eron já representou a instituição em eventos fora de Sergipe. “Representei a CasAmor no 1º Fórum Nacional de Casas de Acolhimento em São Paulo. Organizado pela Casa 1 em parceria com a OAB-SP, o fórum teve como objetivo promover intercâmbio de práticas e experiências das organizações que trabalham com o público LGBTQI+ no país. Lá pude mostrar um pouco do trabalho da CasAmor durante esse período de atividades e estreitar a comunicação com outros projetos”, explicou.

Para ele, uma das principais metas traçadas pela equipe da CasAmor é o aumento no número de atendimentos realizados. “Algo que a gente vem tentando organizar é a relação da CasAmor com possíveis empregadores. A empregabilidade para os nossos assistidos é algo primordial e vemos bastante dificuldade em concretizar esse projeto. Já conseguimos algumas parcerias, porém sempre ações pontuais e poucos trabalhos fixos. É, sem dúvidas, um dos nossos grandes desafios. A nossa meta é aumentar a quantidade de atendimentos e se consolidar como referência em políticas de inclusão”, apontou o publicitário.

Foto: Yago Andrade



Selma Carvalho

Ações

O trabalho de voluntários como Eron é imprescindível para realização dos projetos que são desenvolvidos pela CasAmor. Atualmente o local é sede de uma série de eventos como oficinas de capacitação, bazares, rodas de conversa, mutirões para retificação de nome e gênero para pessoas trans, que ocorrem com frequência e já beneficiaram mais de 300 pessoas desde 2018.

Aliado a esses eventos, a associação também dispõe de atendimento psicológico para pessoas LGBTQI+. Uma das voluntárias que desempenham essa atividade é a psicóloga Selma Carvalho, que integra o

grupo desde a inauguração do espaço, há dois anos. “No início fazia de tudo um pouco, como todo voluntário. Depois passei a ser a psicóloga da casa e estou até agora. O que me motivou a colaborar com a CasAmor foi olhar para os meus, pela classe LGBTQI+. Como mulher lésbica, quis fazer meu papel de voluntária e usar dos privilégios que eu tenho para com as pessoas que não tem e que também estão dentro desse grupo”, detalhou.

Foto: Yago Andrade



Bazar na CasAmor

Em torno de 12 pessoas LGBTQI+ em situação de vulnerabilidade socioeconômica são atendidas por Selma na CasAmor todas as terças e quartas-feiras. Além dela, o espaço também conta com outros psicólogos voluntários para atender a demanda dessa população, o que para ela, é algo primordial. “É a classe que mais precisa de atendimento, é a classe que mais tem dificuldades, não só de convivência pelos estereótipos que carregam, como também pelos preconceitos que existem”, apontou.

Para a psicóloga, o trabalho da CasAmor é fundamental e contribui para a vida não só dos atendidos, mas também na dos



Foto: Acervo da CasAmor

voluntários. “Tudo mudou desde o dia que entrei aqui. Sobre sair um pouco dos privilégios que a gente tem em casa e olhar a realidade, porque às vezes nós vivemos em uma bolha onde não enxergamos que existem certas situações. Vim também em busca disso, desses aprendizados, e me joguei de cabeça no projeto, tanto que um dos meus primeiros atendimentos foi realizado aqui na CasAmor. Digo sempre que a minha mudança não começou com os atendimentos, começou quando me coloquei como voluntária, mas quando passei a fazer os atendimentos isso só melhorou, porque eu vi progresso nas próprias pessoas que são assistidas aqui e

Ainda sem o apoio de empresas ou órgãos governamentais, o local é mantido com a colaboração de voluntários e dos eventos que são promovidos.



que já acompanhava antes de me tornar psicóloga. O meu retorno foi muito maior que financeiro, hoje tenho uma experiência que não tem dinheiro que pague”, afirmou.



Parcerias

A CasAmor também conta com a parceria de diversas instituições que tem abraçado a causa a exemplo da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Conselho Regional de Psicologia (CRP), Ministério Público, além dos coletivos que se juntam nas atividades da casa. Exemplo mais recente disso é o coletivo Mães pela Diversidade, grupo que atua em várias partes do país e é formado por mães de pessoas LGBTQI+.

Integrante do coletivo e graduanda em Gestão e Turismo pelo Instituto Federal de Sergipe (IFS), Neide da Silva dos Santos já era voluntária da CasAmor quando conheceu o Mães pela Diversidade. “Sempre fui muito envolvida na militância, participava de grupos da igreja, das escolas, da minha rua, mas ainda não sabia qual era o meu lugar de fato, até que meu filho Nicolas me falou

sobre a CasAmor e disse que eu poderia me identificar com o projeto. Então comecei a participar dos bazares, rodas de conversas e reuniões que eles faziam, até que a Linda Brasil me convidou para ser voluntária de forma mais ativa do espaço, há pouco mais de um ano”, lembrou.

Segundo ela, o coletivo Mães pela Diversidade chegou em Aracaju há alguns meses, e aos poucos tem ganhado espaço, chegando até as mães da população LGBTQI+, e parte disso está sendo possível, segundo ela, pelas ações que são desenvolvidas em parceria com a CasAmor. Apesar de ter sido fundado nacionalmente para atender a demanda dos familiares das pessoas LGBTQI+, o coletivo na capital sergipana tem abraçado também as Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queers e Intersexuais que não tem o apoio da família no que diz respeito



a sua identidade de gênero ou/e orientação sexual. “O grupo Mães pela Diversidade foi criado para ajudar as mães, mas aqui em Aracaju temos recebido muito aos filhos. Nos procuram em busca de colo, carinho, afeto, ajuda para que nós ajudemos os pais deles”.

De acordo com Neide, atualmente o coletivo tem realizado rodas de conversa com os familiares da população LGBTQI+, e funcionando como meio de suporte, assim como realizando

encaminhamentos para a CasAmor em alguns casos. “Nós estamos trabalhando muito no acolhimento. Temos uma rede de cooperação com a CasAmor, em que quando algum filho está passando por uma situação emocional difícil, nós encaminhamos para a CasAmor, que já possui o serviço de psicologia para atender essa pessoa, e quando a CasAmor está com uma demanda referente aos pais eles nos indicam para auxiliar”, explicou. do acolhimento e a assistência com o empoderamento através da arte”.

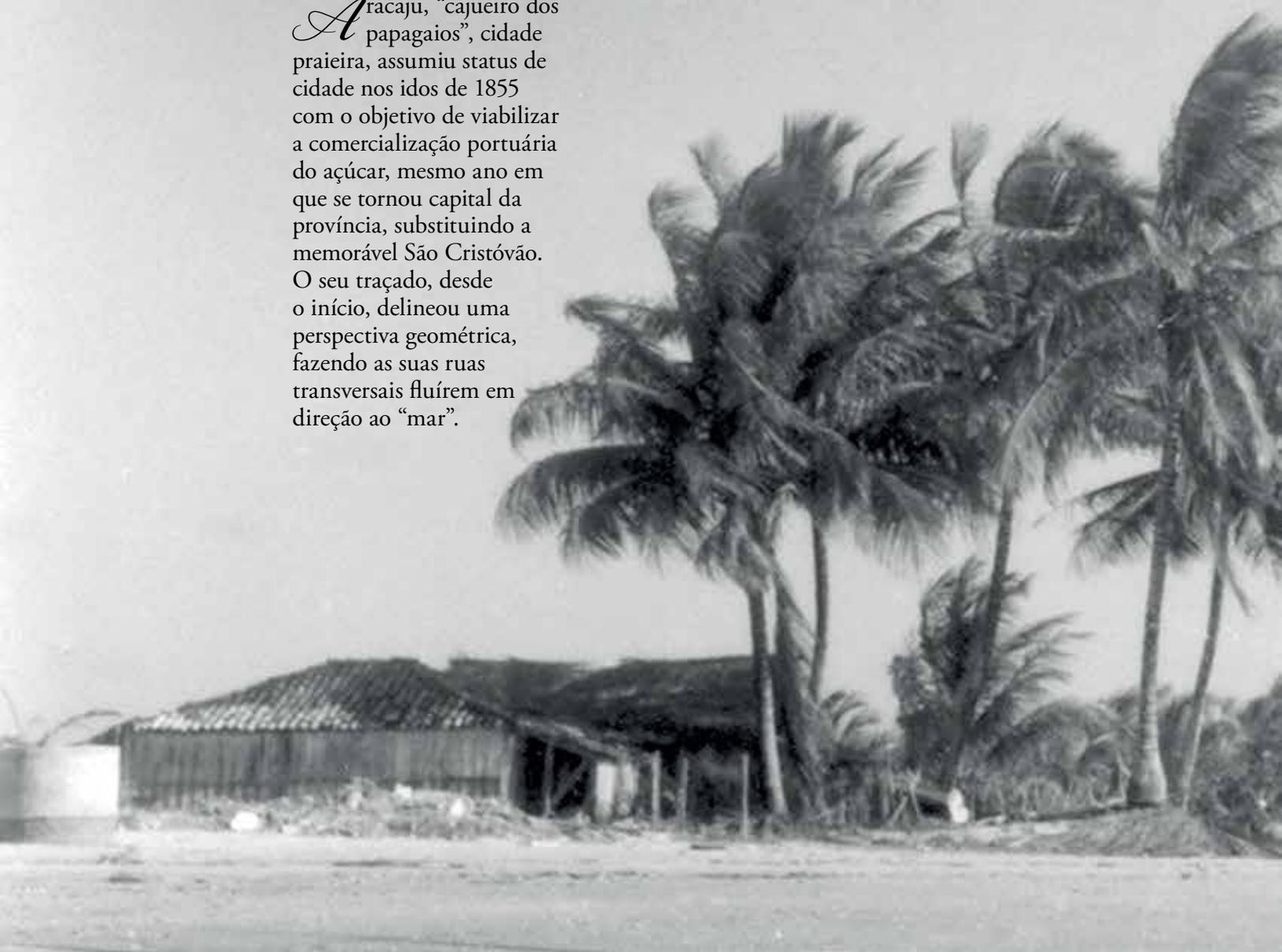
Como colaborar?

Pode se tornar um voluntário da CasAmor qualquer indivíduo que tenham interesse em colaborar com a causa, independente do seu campo de trabalho. Para aqueles que desejam auxiliar financeiramente o espaço, a CasAmor dispõe de uma conta no Banco do Brasil (Agência 1603-9 C/C 52.939 - 7). A instituição também possui páginas no Facebook e Instagram para quem quiser saber mais sobre seus eventos e projetos.

Aracaju, uma saudade

Prof. Dr. Humberto Lima de Aragão Filho*

*A*racaju, “cajueiro dos papagaios”, cidade praieira, assumiu status de cidade nos idos de 1855 com o objetivo de viabilizar a comercialização portuária do açúcar, mesmo ano em que se tornou capital da província, substituindo a memorável São Cristóvão. O seu traçado, desde o início, delineou uma perspectiva geométrica, fazendo as suas ruas transversais fluírem em direção ao “mar”.



As casas de quintais arborizados, com a presença de frondosas mangueiras, uma variedade de goiabeiras, palmeiras e outras plantações, fizeram parte da nossa vivência nos anos 50 e 60, onde moramos em um imenso sobrado e, depois, em um *bungalow*.

Se me perguntassem qual é a minha vista predileta de Aracaju, responderia que é o panorama contemplado da Igreja de Santo Antônio, localizada na colina do mesmo nome. A construção, de estilo neogótico, *per se* é um monumento histórico a ser visitado, entretanto, de lá observamos a beleza da cidade de forma abrangente. Visitei-a durante a infância e a adolescência e, ainda hoje, todas as vezes, de regresso à terra natal, vou até as suas balaustradas e fico desfrutando do encanto da cidade que fez parte de momentos que nunca foram esquecidos. É como se todas as lembranças reunidas à semelhança de um caleidoscópio fossem desenhadas e projetadas na minha mente.

Quando criança desfrutava do “banho de mar” na “Rua da Frente”. Aí mesmo,

Maré Baixa

Foto: Humberto de Aragão (Coleção do autor)

mais tarde, mergulhava n'água como se o fizesse em uma piscina salgada.

Do outro lado do mar, na Ilha de Santa Luzia, localiza-se a Barra dos Coqueiros e visitá-la de barco era um passeio aventureiro. No seu extremo, uma praia de areia alvinitente e repleta de coqueiros deixava-se oscular pelas ondas do Atlântico.

Na região central da cidade, o Palácio Olímpio Campos, com a sua imponência,

abrigava a sede e a moradia do governo, localizando-se diante da Praça Fausto Cardoso, sob cuja estátua encontrava-se escrito: *“A liberdade só se prepara na história com o cimento do tempo e o sangue dos homens”*.

A Praça Fausto Cardoso, palco da retreta, permitia que os jovens, ao som da banda de música, cortejassem as moças que desfilavam aos domingos após as sessões de cinema. Bilhetinhos e sussurros eram



Igreja Santo Antônio

Foto: Acervo Lineu Lins (UNIT)



Vista do alto da Igreja Santo Antônio (1955)

Foto: Coleção dos postais de 1955, Centenário de Aracaju (Coleção particular)

trocados mutuamente e muitos namoros, aí, tiveram o seu início.

A Rua João Pessoa, também na região central, era um ponto comercial onde se localizavam as principais lojas, como “A Moda”, com o seu imponente edifício, e “Dernier Cri”, com as suas vitrines repletas dos últimos lançamentos da moda, além dos dois principais cinemas da cidade: O Cine Teatro Rio Branco e o Cine Palace. As matinês e as *soirées* de ambos eram concorridas e atraíam um grande número de espectadores, muitas vezes formando filas imensas, principalmente aos sábados e domingos, ou no lançamento de um novo filme.

O Cine Teatro Rio Branco, da família

Barreto, recepcionou grandes espetáculos teatrais e apresentações de artistas, comediantes e cantores renomados. Lembro-me de uma placa de bronze que registrava a presença da soprano Bidu Sayão, famosa cantora lírica brasileira. Algumas das peças de Teatro eram de autoria do talentoso poeta e dramaturgo Paulo Barreto, com quem tivemos o privilégio de conviver durante uma inesquecível parte de nossa vida. Ele, a sua esposa, dona Joselita Barreto, e os filhos foram nossos vizinhos e fazem parte de reminiscências que guardamos no coração. Uma das peças teatrais que permaneceram na minha memória foi o comovente texto: “O homem que perdeu a fé”. Foi o Cine Rio Branco, numa iniciativa do saudoso empresário Juca Barreto, que trouxe o



Palácio do Governo (Centenário da Independência)

Foto: Guilherme Rogato / Edição: Fabian (Coleção Rosa Faria - UNIT)

Cinema Scope para Aracaju. A estreia, utilizando novos maquinários, tela e som, foi com o primeiro filme produzido em 1953 pela *20th Century-Fox*, rodado com uma objetiva que comprime a imagem e é projetado em uma tela imensa com forma côncava: *O Manto Sagrado*. Foi um sucesso estrondoso! Seguiram-se *O Príncipe Valente*, *A Lança Partida*, *A Lei do Bravo*, estes três com o jovem galã Robert Wagner, que encantava o público feminino.

Os cines Vitória e Rex, na Rua Itabaianinha, e o Aracaju, na Rua de Laranjeiras, também desfrutavam de um público expressivo. Mesmo o distante Cine Guarani, na Rua de Estância, tinha uma plateia garantida com as sessões de um seriado e dois filmes aos sábados. Sem

a televisão, o entretenimento eram as salas de projeção.

Ainda na Rua Itabaianinha, em frente ao Cine Rex, localiza-se a Sorveteria Cinelândia, que vendia refresco de várias frutas (entre elas, a deliciosa mangaba, o caju e a graviola), sorvete e picolé. Era um ponto de encontro para degustar prazerosamente iguarias feitas de frutas típicas, como o tamarindo, e, naturalmente, ao lado de uma sonhada namorada. Um pouco mais abaixo, diante da praça da catedral, localizava-se a Sorveteria Iara e um sorvete que enlaçava os apaixonados — o beijo-de-moça.

Mas nem somente de cinema, passeios no calçadão da Rua João Pessoa ou da retreta da Praça Fausto Cardoso eram preenchidos

o nosso dia a dia. Quatro festividades marcavam o transcorrer do ano e eram desfrutadas por toda a população, sem distinção de classes sociais: o carnaval, as festas juninas, o Sete de Setembro e o Natal.

As festividades carnavalescas de rua aconteciam diante do palácio e dela participavam famílias e crianças, além dos blocos e de seus foliões. Mais tarde, os bailes da Associação Atlética, do Iate Clube e da Associação Atlética do Banco do Brasil atraíam as pessoas mais requintadas para as suas programações de carnaval.

Muitos foliões, com roupas femininas, adentravam as casas onde os moradores, divertindo-se, os recepcionavam. Os confetes faziam parte dos festejos carnavalescos, tanto quanto o lança-perfume que, na época, não tinha o seu uso proibido.

As festas juninas, englobando os dias de Santo Antônio, São João e São Pedro, marcavam a presença de fogueiras nas portas das casas, dos fogos de artifício, desde os mais inofensivos até o uso dos foguetes e espadas. Também nas casas e clubes fervilhavam as quadrilhas, que eram ensaiadas com todo o capricho, com



Vista Panorâmica de Aracaju

Foto: Coleção Rosa Faria (UNIT)



**Humberto de Aragão Lima Filho
desfilando em 7 de setembro.**

Foto: Coleção do autor



**Humberto de Aragão Lima Filho.
Colégio Estadual de Sergipe.**

Foto: Coleção do autor

os seus componentes vestidos de caipira e de chapéus de palha. Não faltavam a canjica e o milho assado. Muitos namoros aconteciam durante a sua realização.

O Sete de Setembro, comemorando a independência do Brasil, marcava o rufar dos tambores e, além do desfile militar, as principais escolas desfilavam concorrendo entre si. As suas bandas, bem treinadas, abriam a apresentação de cada instituição. Recordo que desfilamos pelo Educandário Brasília, pelo Ginásio Jackson de Figueiredo e, posteriormente, pelo Colégio Estadual — o Atheneu — com o uniforme da Arcádia Estudantil, da qual fazíamos parte, ocupando a cadeira de Castro Alves.

O Natal, além da comemoração entre os familiares, tinha o seu ponto de atração a Praça da Catedral, lugar em que se erguiam a roda gigante e o carrossel do Tobias, sempre disputados pelas crianças

acompanhadas dos pais e pelos casais de namorados que, na roda gigante, diante de uma parada para a troca de participantes, nas alturas, aproveitavam o momento selando-o com a fugacidade de um beijo roubado. O presépio, a iluminação da praça, o pisca-pisca das luzes descortinavam a missa da meia-noite.

Mais ao longe, diante do mar, a Ponte do Imperador abrigava furtivos encontros amorosos e a ressonância das declarações de amor que, muitas vezes, tinham a duração das ondas que se desfazem na beira da praia.

Essas ondas jorravam da imensidão atlântica na Praia de Atalaia que, distante, mesmo após a construção de uma ponte para facilitar o seu acesso, era preterida a favor da Treze de Julho, chamada de “Praia Formosa”, a qual recepcionava banhistas aos sábados e domingos, onde a beleza do corpo feminino quedava-se mais aos

banhos de sol do que aos banhos de mar.

Há muitos anos, vivendo longe de Aracaju, não a esquecemos. A recordação dos seus coqueirais e cajueiros, do mar debruçando-se sorratamente sobre a areia de suas praias, da água de coco, do cuscuz de milho e de arroz, da corda de caranguejo, da macaxeira e do beiju vendidos nas ruas, são imagens que insistiram em transcender o tempo e perenizar-se na lembrança.

Quando criança, em um passeio à Atalaia Velha, contemplando a vastidão do oceano, jamais pensamos em quantas águas iríamos singrar e em quantos sonhos seriam construídos.

Santo Agostinho, no livro *Confissões*, faz uma análise fenomenológica do tempo e afirma que não há uma concomitância entre o passado, o presente e o futuro. Do passado, no presente, temos apenas as lembranças do que se foi e, diríamos, as boas lembranças. As páginas da existência nunca ficam paradas, assumindo uma irreversibilidade. Resta-nos evocá-las na lembrança e revivê-las no coração, pois a lembrança é a saudade que não esquece. 

***Professor Doutor dos Cursos de Direito e Relações Internacionais das Faculdades Integradas Rio Branco.**



Foto: Coleção Rosa Faria (UNIT)

Envelhecimento mais inclusivo: construindo o sujeito da terceira idade

Patrícia Verônica Nunes Carvalho Sobral de Souza*



As ideias do poeta e romancista francês Alfred de Vigny, quando diz “O que é uma grande vida senão um pensamento da juventude realizado pela idade madura?” me fez refletir sobre a realidade do processo que envolve o envelhecimento, cujas alterações determinam mudanças estruturais no corpo e, em decorrência, modificam suas funções psíquicas e sociais.

A velhice tende a ser interpretada como algo improdutivo e incapacitante. Compreende-se que a inclusão e a mobilização dos idosos nas entidades sociais em diversos setores e o crescente conhecimento científico facilitarão sua convivência no meio em que vivem, apesar das condições precárias sociais e econômicas por que passa a maior parte da população brasileira.

É necessário, antes de qualquer intervenção, conhecer não só as condições



físicas do indivíduo senil, mas também sua situação social, seu envolvimento emocional com os que o rodeiam, seus anseios, medos, expectativas, desejos. Essa visão global do idoso devolve ao indivíduo o status de cidadão e, portanto, a sua dignidade como ser humano.

Entre as principais características psicológicas do envelhecimento encontra-se a tendência à depressão, frequentemente desencadeada pela conscientização das perdas funcionais e sociais que a senectude carrega consigo. A aposentadoria é, por

vezes, o estopim de grave crise existencial, frequentemente agravada, e muito, por uma situação familiar complexa e não preparada para receber, em tempo integral, aquele membro outrora profissionalmente ativo. Dada a importância da família como órgão de apoio e de saúde, a impossibilidade de o idoso poder dispor destes recursos poderá levá-lo a situações de morbidez significativa, seja sob o prisma físico, psíquico ou social.

O Brasil é um país em processo de envelhecimento. A pirâmide

populacional começou a transformar-se significativamente com a ascensão da parcela da população de idosos. A população brasileira, estimada em 209,3 milhões de pessoas, está vendo diminuir o número de crianças e aumentar o de idosos. O número de pessoas no Brasil acima de 60 anos (definição de “idosos”) continua crescendo. Em 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PnadC) já são 30 milhões de idosos no país. O que ocorreu foi o incremento de 4,8 milhões de idosos comparado ao ano de 2012 (BRASIL, 2018).

A demanda é cada vez mais emergente no que tange aos sistemas de saúde e assistência social dos países em desenvolvimento, pois junto a este crescimento estão as doenças

associadas ao envelhecimento, como as crônicas-degenerativas e demenciais, dentre outras.

Portanto, a ideia de direitos fundamentais se articula com o envelhecimento. Assim, não se pode perder de vista, quanto aos direitos dos idosos, o respeito à dignidade da pessoa humana e a proteção do poder estatal que propicie minimamente a estas políticas públicas concretas e específicas para as pessoas da terceira idade .

Dessa forma, este texto se justifica por volver seu olhar para o fenômeno do envelhecimento no Brasil, e tem como objetivo desvelar uma nova situação social diante dos desafios enfrentados pelos idosos, ante a elaboração de planos, programas e políticas públicas aptas a





foto: Arquivo pessoal

absorver e atender suas necessidades. Para tanto, é utilizada a metodologia qualitativa e bibliográfica, de caráter exploratório, através do levantamento de fontes doutrinárias.

Diante disso, questiona-se: como se dão as relações interpessoais na sociedade moderna? O que se entende por sociedade líquida? Como driblar a cultura de massa e promover a inclusão de pessoas idosas no contexto social atual?

A expectativa de vida da população está aumentando e vários fatores contribuíram para este avanço, como por exemplo, a utilização da tecnologia de ponta na descoberta e no tratamento de diversas doenças.

No Brasil, tem avançado com relação a elaboração de políticas públicas para

os idosos. Um marco a ser destacado é a Constituição Federal de 1988, e com ela a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), Lei 8.742/93, e a Política Nacional do Idoso, Lei 8.842/94. A LOAS é uma Política de Seguridade Social não contributiva, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas a quem necessita (BRASIL, 1993).

Existem, ainda, a Política Nacional do Idoso (1994); a Política Nacional de Saúde do Idoso (1999); o Estatuto do Idoso (2003); a Política Nacional de Assistência Social (2004) e mais recentemente a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (2006). Portanto, no que se refere ao campo legislativo, o idoso está assegurado, mas isso não garante a execução efetiva de tais leis.



A Política Nacional do Idoso tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (BRASIL, 1994). A Política Nacional de Saúde do Idoso tem como diretrizes a promoção do envelhecimento saudável; manutenção da capacidade funcional; assistência às necessidades de saúde; reabilitação da capacidade funcional comprometida; capacitação de recursos humanos; apoio ao desenvolvimento de cuidados informais; e o apoio aos estudos e pesquisas.

O Estatuto do Idoso, por sua vez, é uma legislação contemporânea, que busca a proteção assistencial e regulamentação dos direitos da pessoa idosa (SOUZA, 2013).

Tem por objetivo consolidar direitos já previstos na Constituição Federal de 1988, protegendo, principalmente, o idoso em situação de risco, assegurando-lhe o direito à vida; à liberdade, ao respeito, à dignidade; ao alimento; à saúde; à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer; à profissionalização, ao trabalho; à previdência social; à assistência social; à habitação, ao transporte; medidas de proteção; política de atendimento ao idoso, acesso à justiça, entre outros (BRASIL, 2003).

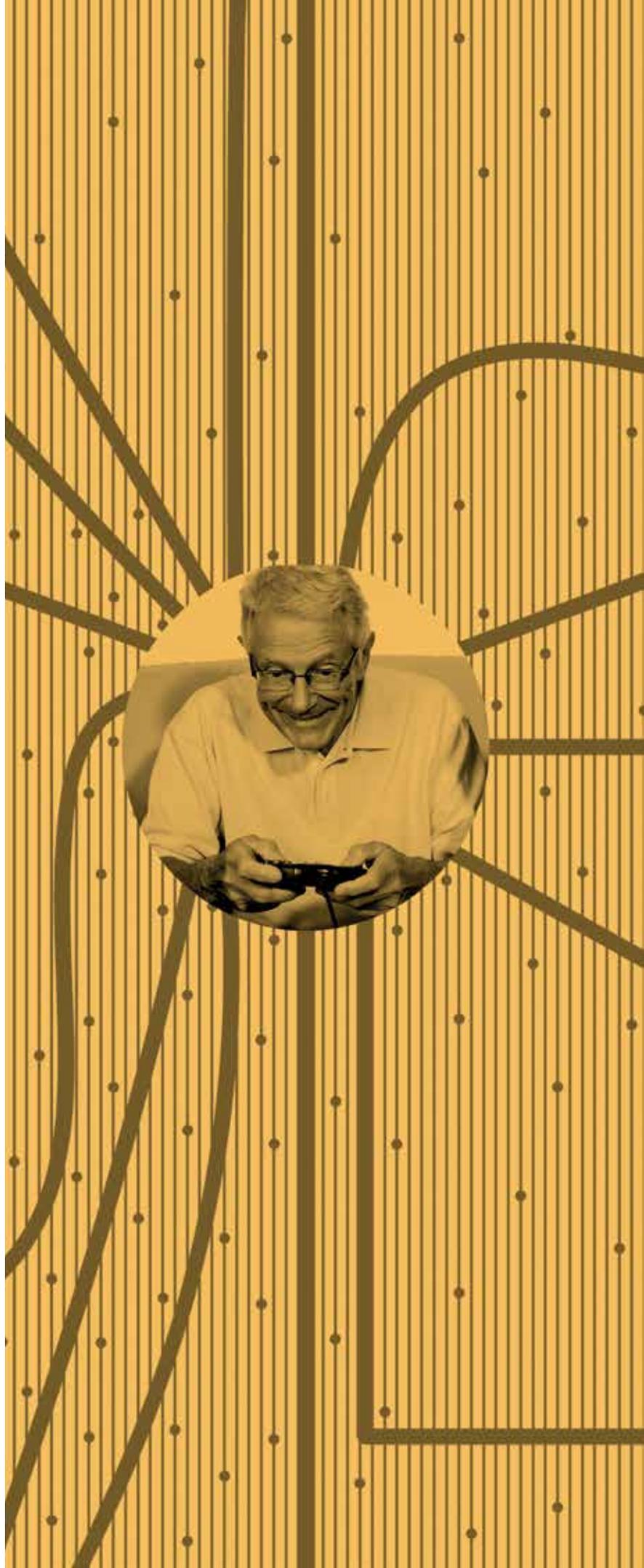
Inexiste dúvida quanto a urgência em se enfrentar os desafios impostos pelo envelhecimento, por ser um fenômeno inexorável, que exige a consciência da sociedade brasileira não apenas por sua

iminente existência, mas, especialmente, em decorrência dos resultados que acarretam o desenvolvimento econômico e social, e o futuro do país.

O crescimento da população idosa no Brasil, além de ser um alerta ao sistema político-econômico e social, é também um sobreaviso aos gestores das políticas públicas para que implementem novas estratégias com vistas a viabilizar a reinserção da população idosa na sociedade, eis que a população brasileira está em processo de envelhecimento.

Decerto, o convívio social deve viabilizar a troca de afeto, experiência, ideias, bem como estimula o pensar, agir, trocar, etc. As relações interpessoais modernas ocorrem tanto dentro de uma sociedade, quanto de uma cultura, sendo afetadas pela colocação de cada indivíduo na sociedade e pelos distintos papéis sociais que cada um assume. Dessa forma, o que existe é a ocupação de cada pessoa, com influência da cultura, em diferentes posições na família, no mercado de trabalho, em organizações religiosas, etc., possibilitando diferentes interações interpessoais.

Todavia, estas relações interpessoais podem ser melhor viabilizadas com o avanço tecnológico, devido ao uso dos mecanismos de comunicação, em especial, a utilização da internet, que cria a ampla disseminação de interações e relacionamentos. Um elemento tecnológico que pode contribuir para a melhoria do processo de envelhecimento das pessoas, fornecendo subsídios positivos para a qualidade de vida dos idosos: são os jogos digitais. Eles podem ser uma importante ferramenta para amenizar as restrições decorrentes da idade, que atingem principalmente aspectos motores, perceptivos, cognitivos e psicossociais



das pessoas. Visto que o envelhecimento é um processo gradual e normalmente traz algumas mudanças, como reflexos mais lentos, visão e audição mais frágeis e menor força física.

O aumento da expectativa de vida eleva a preocupação quanto a este grupo da população. Dessa forma, diante de uma sociedade líquida, de grande fluidez social, de mudanças céleres, que cria insegurança, fator que gera críticas e nos leva a refletir e questionar sobre os atos e porquês das coisas, conduzindo estudos quanto a vulnerabilidade física, psicológica e social dos idosos. Outrossim, esclareça-se que estes cuidados com o idoso devem ser garantidos não apenas pelo Estado, mas por toda a sociedade e, especialmente, por

sua família, através do apoio emocional e afetivo. Assim, o cuidado dos filhos para com seus pais é indispensável, e aqueles podem ser condenados a indenizá-los pelo Abandono Afetivo Inverso, que geralmente ocorre com pais idosos.

Ressalte-se que as bases do Estado Democrático de Direito não se limitam à criação de políticas públicas quanto a proteção e efetivação dos direitos dos idosos a transporte público gratuito e a preferência de atendimento. Vai mais além! O idoso deve ser estimulado a desenvolver sua participação social, não somente nas relações entre si, mas também nas relações intergeracionais, a fim de intensificar, principalmente, a sua valorização como indivíduo, pleno de dignidade humana,



cuja inclusão se consubstancia como um direito fundamental.

Diante do quanto exposto, é de grande importância a valorização do papel social do idoso, reconhecendo, nele, um sujeito capaz de exercer sua cidadania, garantindo-lhe o respeito à sua integridade física e psicológica. Para tanto, a inclusão desta significativa parcela populacional no convívio social, por meio da família, da sociedade e da concretização de políticas públicas específicas se torna indispensável não só para o cidadão em processo de envelhecimento, mas para a sociedade como um todo, evidenciando-se que os indivíduos da terceira idade têm muito a contribuir com a sua experiência para as gerações mais novas e são dignos de atenção e carinho destas. 



*** Pós-doutora e Doutora em Direito pela Universidade Federal de Bahia (UFBA). Doutora em Educação pela UFS. Professora de Graduação e Pós-graduação do Curso de Direito da Universidade Tiradentes (UNIT). Líder do grupo de pesquisa Direito Público, Educação Jurídica e Direitos Humanos.**

E-mail: patncss@gmail.com.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3725-6339>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7502386530836336>

Recorte do artigo: Perspectivas e desafios do envelhecimento inclusivo diante de uma sociedade líquida, publicado na Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFBA, e-ISSN 2358-4777, v. 29, nº. 02, p. 109-127, Jul-Dez 2019.



Referências

BRASIL. **Constituição (1988)**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 12 dez. 2019.

BRASIL, **Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993**. Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8742.htm. Acesso em: 12 dez. 2019.

BRASIL, **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 12 dez. 2019.

BRASIL, **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003**. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm. Acesso em: 13 dez. 2019.

IBGE. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 01 dez. 2019.

SOBRAL DE SOUZA, Patrícia Verônica Nunes Carvalho; SILVA, Lucas Gonçalves da. **Perspectivas e desafios do envelhecimento**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito na UFBA, e-ISSN 2358-4777, v. 29, n. 02, p. 109-127, Jul/Dez 2019.

SOUZA, Beatriz. **Brasileiro vai viver até os 81 anos (mas só em 2060)**. Exame, 2013. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/brasileiro-vai-viver-ate-os-81-anos-mas-so-em-2060/>. Acesso em: 13 dez. 2019.

Os filhos de Tia Júlia

Álvaro Muller

Fotos: Saulo Coelho

A história da professora sergipana que fez da própria casa uma escola para crianças cegas

Quantos colegas cegos, surdos ou com deficiência intelectual você teve ao longo da vida escolar? Com quantos dividiu os

bancos universitários? É bem provável que a sua resposta seja “nenhum”, talvez “um” ou “dois”, mas, decerto, as oportunidades de convivência foram raras e isso é tão óbvio quanto lamentável. Ao longo da história — e ainda hoje, apesar dos avanços jurídicos, educacionais e tecnológicos —, pessoas com deficiência vêm sendo privadas do direito de estudar, tão importante para a inserção social e o exercício pleno da cidadania.

Garantir educação de qualidade para a pessoa com deficiência é dever do

Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade. Cabe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar a adoção de medidas — individualizadas e coletivas — em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes com deficiência. Isso



Maria Júlia: “Essas crianças me ensinaram que viver é saber receber e doar o que se tem com humildade”

"Garantir educação de qualidade para a pessoa com deficiência é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade."

é o que está escrito na Lei nº 13.146, de 2015, a chamada Lei Brasileira de Inclusão, mas, na prática, a educação inclusiva ainda é uma realidade distante.

O caminho é longo e revisitar o exemplo de quem compreendeu a importância do convívio com as diferenças e dedicou a vida a mostrar que a deficiência não está nas pessoas, mas no ambiente, é uma boa forma de retomar o fôlego. Revigora a crença em uma educação e, naturalmente, em um mundo cada vez mais inclusivo. São histórias inspiradoras de amor e empatia como a da professora Maria Júlia dos Santos Cruz, a "Tia Júlia", pedagoga aracajuana que transformou a própria casa numa escola para cegos e não só alfabetizou dezenas de crianças, como as ensinou a acreditar na própria capacidade e a encarar o mundo preconceituoso de frente.

"Tive vários filhos e agradeço a Deus, a cada instante, pela graça que ele me con-

cedeu de ter conhecido e convivido com tantas pessoas diferentes. Essas crianças me ensinaram que viver é saber receber e doar o que se tem com humildade. Eu sempre digo que a casa era nossa, pois que quem chegava para aprender, a gente acolhia. Hoje é muito gratificante ver tantos ex-alunos crescerem na vida", observa a educadora, na serenidade dos seus 74 anos.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), em 1965, Maria Júlia especializou-se em educação para pessoas com deficiência intelectual na Apae Rio, em deficiência visual no Ins-



Maria Júlia dos Santos Cruz, a "Tia Júlia", pedagoga aracajuana que transformou a própria casa numa escola para cegos e não só alfabetizou dezenas de crianças, como as ensinou a acreditar na própria capacidade e a encarar o mundo preconceituoso de frente.

tituto Benjamin Constant e deficiência auditiva no Instituto Nacional de Educação dos Surdos (Ines). Ministrou as primeiras aulas no Centro de Reabilitação Ninota Garcia e participou do processo de criação e supervisionou os professores do Centro Estadual de Atendimento Especializado João Cardoso do Nascimento Júnior. Foi a primeira diretora do Centro de Apoio Pedagógico para Deficientes Visuais, da Prefeitura de Aracaju, e se aposentou como servidora pública após 35 incansáveis anos de serviços prestados.

Em 1989, diante da indisponibilidade de um ambiente adequado para alfabetizar uma criança com cegueira congênita, Maria Júlia decidiu pedir ao pai para estruturar uma sala de aula na residência da família, no bairro 18 do Forte, zona norte da capital sergipana. A criança era Lucas Aribé Alves. Hoje, aos 33 anos, ele é jornalista, radialista, professor, músico e atual vereador por Aracaju.

“O que conquistei em termos de conhecimento e o que sou como pessoa devo muito à Tia Júlia, pois foi no convívio com ela e sua família que eu descobri o mundo

da forma mais lúdica, simples e singela de se educar e aprender. A nossa relação não era somente de professor e aprendiz, Tia Júlia sempre foi e ainda é como uma mãe para mim e para todos os seus alunos”, reconhece Lucas.

DE SALA A ESCOLA

Com a chegada de outras crianças, a casa da família Cruz foi abrindo cada vez mais espaço para a educação inclusiva até que, em 12 de junho de 1996, Maria Júlia inaugurou o Centro Educacional Jacques Lusseyran. O nome era uma reverência ao autor e ativista político francês, cego desde os 7 anos de vida, que sobreviveu ao terror de um campo de concentração da Alemanha nazista. No Lusseyran, crianças das mais diversas idades eram alfabetizadas e preparadas para a inserção na rede de ensino regular. Na fase de transição para outras instituições, Júlia intermediava o diálogo entre pais, educadores e direção das escolas.

“Naquele momento ainda havia muita rejeição, diretores e professores diziam



Primeiro aluno da escola, Lucas Aribé revisita sala de aula ainda intacta

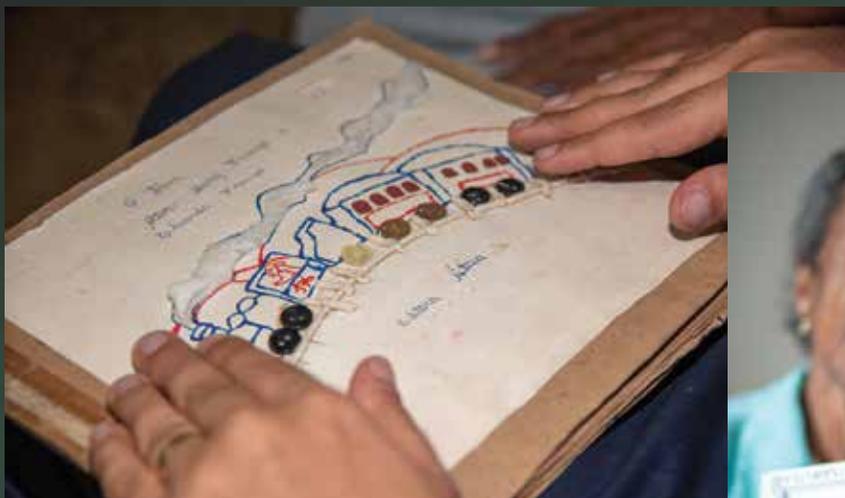
que não sabiam o que fazer com um estudante cego, então eu ia quantas vezes fosse necessário, acompanhava os pais, dialogava com as pessoas, muitas vezes até em cidades do interior. Se alguém maltratava um aluno, eu também conversava com a direção para amenizar. Assim, todos começaram a entender que a inclusão era possível”, relembra Maria Júlia.

À medida que recebia novos alunos, a Jaques Lusseyran crescia, sobretudo, com as doações de materiais didáticos e equipamentos por instituições de educação inclusiva de outras regiões do Brasil. Mais do que uma rede colaborativa, Tia Júlia construiu uma corrente do bem e muitos instrumentos pedagógicos eram criados e produzidos artesanalmente por ela, sua equipe ou mesmo pelos pais dos estudantes e outras pessoas da comunidade. “Quando eu idealizava um equipamento de madeira, sempre tinha um marceneiro para fazer e assim nós íamos construindo

as coisas e educando as crianças”, relembra a educadora.

Não havia computador, celular, tablet, retroprojetor, mas praticamente tudo ganhava forma com muita criatividade, boa vontade e barbante, isopor, cola quente, cartolina, entre outros materiais. Se uma criança queria saber como era o Saci Pererê, por exemplo, prontamente um boneco de gorro, cachimbo e uma perna só era elaborado em alto relevo, para o reconhecimento tátil.

A escola utilizava métodos como o Padovan de Reorganização Funcional — que estimula o sistema nervoso e recapitula o processo de aquisição do andar, falar e pensar de maneira dinâmica —, o sistema Braile, de leitura tátil e escrita, e o Soroban, instrumento japonês utilizado para cálculos matemáticos. Os pais também eram capacitados para replicar as metodologias e os estudantes ainda tinham aulas de orientação e mobilidade, uma forma de



Tia Júlia guarda o primeiro livro reproduzido em braile e com ilustrações em relevo



Professora exhibe foto com alunos: “Enquanto pude, eduquei os meus filhos”

garantir a independência nos diversos espaços públicos e privados.

Aos poucos, a Jacques Lusseyran foi ganhando novos espaços, a exemplo da brinquedoteca e biblioteca. A área livre permitia a realização de diversas atividades recreativas e culturais. Os filhos de Tia Júlia também aprendiam tarefas do cotidiano, como amarrar cadarços e lavar louça, participavam de exposições, shows e outros eventos pela cidade e tinham aulas de música.

Entre 1999 e 2004, Diogo Santos de Oliveira percorreu 70 quilômetros, de Nossa Senhora das Dores a Aracaju, quase todos os dias e sempre acompanhado da mãe, para participar das aulas na Jacques Lusseyran. Hoje, aos 30 anos, é graduando em Ciências da Religião e músico licenciado pela UFS. Em seu trabalho de conclusão de curso, apresentado em 2015, o jovem fez um agradecimento especial à mulher que o alfabetizou. “Agradeço à minha madrinha, Maria Júlia do Santos Cruz, que é uma segunda mãe para mim, me educan-

do não só através das letras, mas com seu exemplo como pessoa, colaborando para o que sou hoje”.

O sentimento é o mesmo para a estudante de Direito e paratleta Claudianca Santos da Conceição, 23. “Tia Júlia me inspirou e todos os caminhos que trilhei na vida foram com os ensinamentos dela. Comecei na escolinha aos três anos de idade e estudei lá até os cinco. Foi uma época marcante, de muito aprendizado na minha vida. Se eu pudesse, voltaria o tempo para reviver tudo novamente”, diz, saudosa.

Além do bom desempenho acadêmico, Claudianca é uma referência nas pistas de corrida. Chegou a estar na sétima colocação do ranking brasileiro e na segunda do nordestino nos 200 metros sub-23. Com participação em competições como paralimpíadas escolares e jogos universitários, acumula 300 medalhas e 60 troféus. “Se eu não tivesse conhecido a Tia Júlia,

Mais do que uma rede colaborativa, Tia Júlia construiu uma corrente do bem e muitos instrumentos pedagógicos eram criados e produzidos artesanalmente por ela, sua equipe ou mesmo pelos pais dos estudantes e outras pessoas da comunidade.

não seria quem sou e talvez nem tivesse conhecido o braille, pelo menos, da forma como conheci, com ela me ensinando que todos nós somos capazes e podemos mostrar a nossa capacidade”, ressalta.

Para Lucas Aribé, a história da professora Maria Júlia é uma lição de que é possível incluir as pessoas com deficiência no sistema educacional. “Se nós fomos educados num tempo em que os recursos eram escassos e tudo saía da cabeça de Tia Júlia juntamente com outros professores e com as mães, imagine agora? Que este exemplo sirva de inspiração para outros educadores”, pondera.

O FIM DA ESCOLA

O Centro Educacional Jaques Lusseyran chegou a ter 25 alunos em uma única turma e funcionou até dezembro de 2005, quando fechou as portas por falta de recursos e apoio, mas sem deixar qualquer pendência financeira. À época, muitos pais não podiam contribuir e Maria Júlia

tinha que arcar sozinha com as contas de água, luz, telefone, salário dos professores, entre outras despesas. As atividades acadêmicas cessaram, crianças cresceram, mas, ainda hoje, Tia Júlia mantém sala de aula e muitos equipamentos intactos na casa do 18 do Forte.

“Na nossa escola, quem podia pagar, pagava; quem não podia, não pagava. E durante todo o tempo eu encontrei gente de uma bondade enorme, pessoas que não eram bem remuneradas, mas tinham um coração gigante. Nunca tive problemas, nem briga para indenizar ninguém. Aquele lugar foi abençoado por Deus, sinto saudade, mas tenho a consciência de que não posso mais alavancar. Enquanto pude, eduquei os meus filhos”, assegura a pedagoga que marcou a história da educação inclusiva no estado de Sergipe. 



6 CURIOSIDADES SOBRE O MUSEU DE ARTE SACRA DE SÃO CRISTÓVÃO

Jaime Neto

Fotos: Dani Santos

Localizado nas imediações da Praça São Francisco, o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão é um grande atrativo turístico de Sergipe reunindo peças que dialogam diretamente com os dogmas da Igreja Católica. Oriundas de doações de igrejas a também de altares particulares de famílias tradicionais sergipanas, cada obra de arte tem um significado único.

O Museu de Arte Sacra de São Cristóvão, que pertence à Arquidiocese de Aracaju, foi planejado pelo arcebispo Dom Luciano José Cabral Duarte. Prestes a completar 46 anos, no passado, o museu já foi uma ala de enfermagem, uma escola e também serviu de aquartelamento para as tropas que foram lutar em Canudos. O local está anexado ao Convento São Francisco (sendo este desativado em 1972).

Atualmente, o museu recebe apoio do Governo de Sergipe e da Prefeitura de São Cristóvão.

1ª - MAIS DE 500 PEÇAS

O acervo do Museu de Arte Sacra de São Cristóvão tem mais de 500 peças, praticamente únicas, e talhadas em madeira de cedro a maioria. Essa prática era comum na confecção de peças sacras, justamente pela facilidade de se trabalhar nesse tipo de madeira, resistente ao tempo e a ação de cupins. A peça mais antiga do local data do século XVII (sendo grande parte da produção confeccionada nos séculos XVIII e XIX). Muitas imagens estavam em locais inadequados, e se não fossem abrigadas pelo museu, certamente, teriam sido descartadas ou roubadas das igrejas as quais pertenciam.



“Oriundas de doações de igrejas a também de altares particulares de famílias tradicionais sergipanas, cada obra de arte tem um significado único.”

2ª - BIBLIOTECA DA PROVÍNCIA DE SERGIPE

A primeira biblioteca pública de Sergipe estava localizada dentro do prédio que hoje funciona o Museu de Arte Sacra de São Cristóvão. Era chamada de “Biblioteca Provincial de Sergipe”, e datada de 1851. Até hoje é possível visitar a sala onde ficava o acervo, muito embora nenhum livro esteja mais acessível. Os livros que faziam parte desta biblioteca foram transferidos para Aracaju, para a nova biblioteca pública do estado, que em 1970 passou a se chamar Biblioteca Epifânio Dória. Já os livros que pertenciam aos franciscanos, que moravam no Convento São Francisco, foram doados para conventos da Ordem Franciscana em Recife.



3ª - SALA DE EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

O Museu de Arte Sacra de São Cristóvão possui uma Sala de Exposição Temporária, que comporta projetos tanto voltados às questões religiosas quanto culturais e artísticos. No momento, o público visitante poderá conferir uma amostra em homenagem à Santa Dulce dos Pobres, incluindo curiosidades como fotografias antigas, o time do coração dela, o histórico dos três cinemas que ela ajudou a fundar na Bahia e a reprodução do quarto que ela dormia, na maior parte de sua vida. Vale ressaltar que antes de ser a primeira santa brasileira, irmã Dulce morou um ano e sete meses em São Cristóvão, sendo a cidade o primeiro local a presenciar a escolha dela pela vida religiosa.



4ª - CRISTO EM MARFIM

Uma peça, em especial, chama a atenção dos visitantes. Trata-se da imagem de Jesus Cristo feita em marfim puro, originária do século XVII, vinda de Goa, na Índia. Conta-se que a imagem veio na bagagem de algum franciscano que visitou o local e trouxe para o Brasil a obra-prima. O Cristo crucificado feito em marfim foi esculpido numa grandiosa riqueza de detalhes, onde é possível ver os músculos, os fios do cabelo, cada caimento da vestimenta.

5ª - MINIATURA DE SÃO SEVERINO

Para os mais desatentos, a pequenina imagem de São Severino pode até passar despercebida. Exposta atrás de uma parede, o acesso só é possível através de uma espécie de “olho mágico”. Estima-se que a imagem tenha apenas 8 cm de altura e cerca de 30 cm de comprimento — quase que um nada se comparada a grandiosidade de outras peças.



Prestes a completar 46 anos, no passado, o museu já foi uma ala de enfermagem, uma escola e também serviu de aquartelamento para as tropas que foram lutar em Canudos.



O público visitante poderá conferir uma amostra em homenagem à Santa Dulce dos Pobres, incluindo curiosidades como fotografias antigas, o time do coração dela, o histórico dos três cinemas que ela ajudou a fundar na Bahia e a reprodução do quarto que ela dormia.

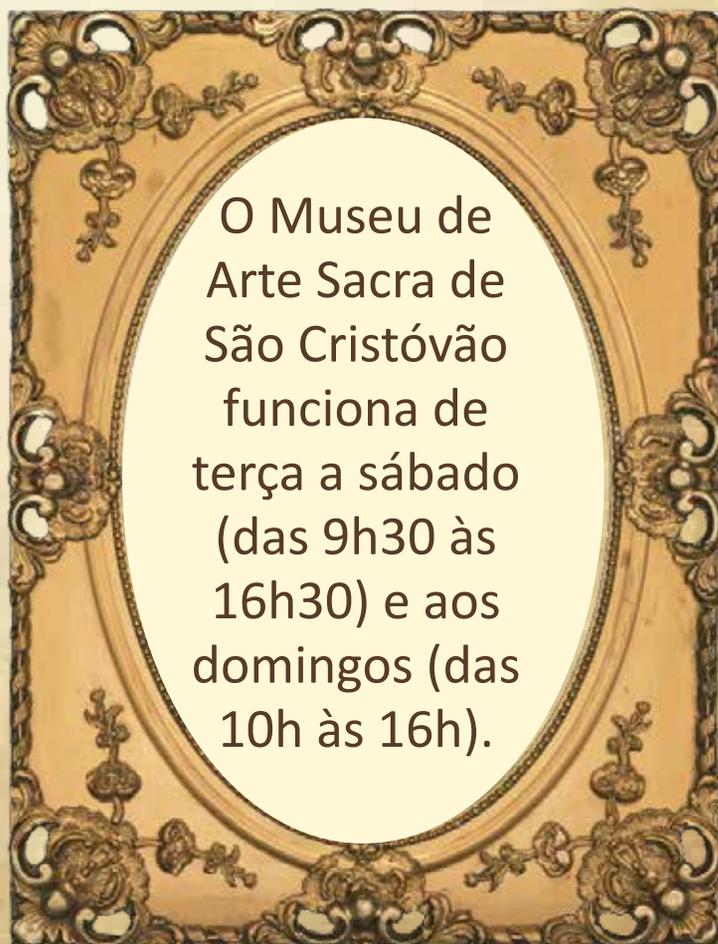


6ª - ALTAR PORTÁTIL

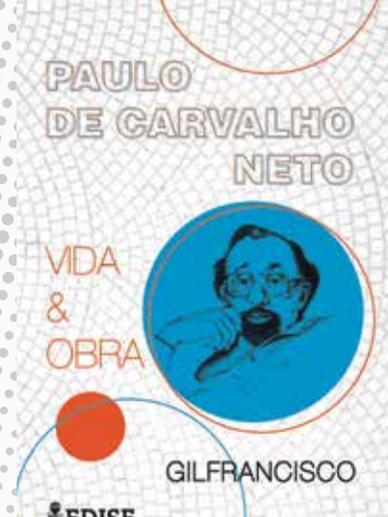
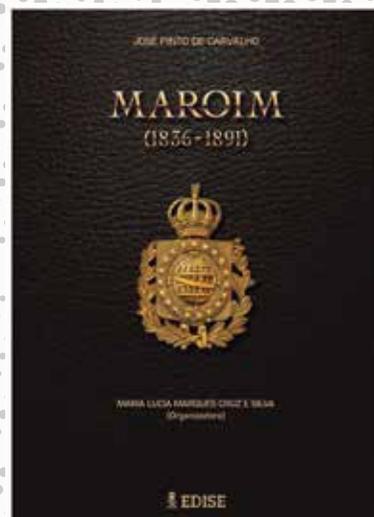
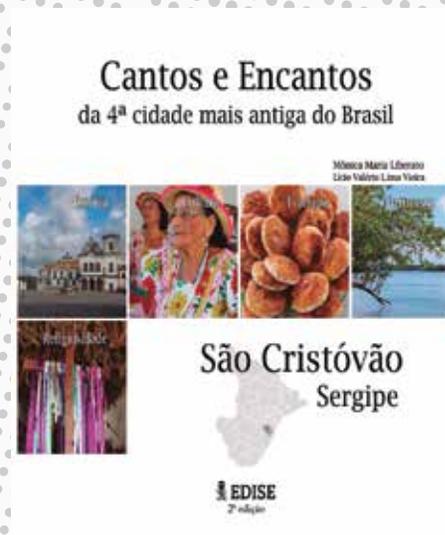
O Museu de Arte Sacra de São Cristóvão possui um exemplar de “Altar Portátil”, muito comum na prática de missas em locais externos às igrejas. A maleta, contendo os objetos usados para a pregação, chama a atenção, justamente por reunir o básico para uma missa. O altar portátil exposto pertencia ao primeiro Bispo de Sergipe, Dom José Thomaz Gomes da Silva. 



Agradecimentos ao historiador Jorge Maklin pelas informações prestadas para a elaboração deste conteúdo.



“A EDISE tem a grande
satisfação em fazer
parte dessas histórias”.



Rua Propriá, 227 - Centro - Aracaju/SE

Tel: 79 3205 7421

Tenha nossos livros em sua casa.
Compre pelo site: www.segrase.se.gov.br/edise

CUMBUCA Nº 25

Cumbuca

Aracaju - Ano VII - Nº 25 - Dezembro/2019



AGORA
DISPONÍVEL NA

escariz



EDISE

